UNE ✦ SACRA

Bruxaria e Wicca

Aradia, ou o Evangelho das Bruxas

✦ ✦ ✦

Charles Godfrey Leland

Tradução (edição 1.2)

Créditos

Autor	Charles Godfrey Leland
Data	1899
Idioma original	Inglês
Versão	Tradução (edição 1.2)
Tradução	Tradução popular, a partir do original inglês
Fonte	Wikisource — Aradia, or the Gospel of the Witches (1899)
Licença	CC BY-NC-SA 4.0 · original: Domínio público

Sobre:

Publicado em Londres em 1899 pelo folclorista norte-americano Charles Godfrey Leland (1824–1903), Aradia, ou o Evangelho das Bruxas diz reunir as crenças de bruxas camponesas da Toscana.

Segundo Leland, o núcleo do livro — o "Vangelo" — foi-lhe entregue em 1897, escrito à mão, por uma informante florentina a quem ele chama Maddalena.

O texto conta que Diana, rainha das bruxas, teve com seu irmão Lúcifer uma filha, Aradia, enviada à Terra para ensinar a bruxaria aos pobres e oprimidos, contra os senhores e a Igreja; traz também conjurações e feitiços (da farinha, do sal, das pedras furadas, do limão com alfinetes) e lendas de Diana, de Endimião e de Laverna, a deusa dos ladrões.

Leland dava o livro como prova de que uma "velha religião" pagã havia sobrevivido em segredo na Itália. Os historiadores discutem até hoje se Maddalena transmitiu uma tradição popular verdadeira, se inventou parte dela ou se o próprio Leland retocou o material.

De qualquer modo, Aradia teve enorme influência no século XX: a "Carga da Deusa" da Wicca de Gerald Gardner e Doreen Valiente retoma frases do primeiro capítulo, como a

reunião das bruxas uma vez por mês, na lua cheia, e o costume de praticar os ritos sem roupa.

Aqui estão o prefácio, os quinze capítulos e o apêndice em que Leland comenta os textos. Nas passagens em que o livro traz o italiano e o inglês lado a lado, fica só a tradução inglesa de Leland.

Fonte: https://en.wikisource.org/wiki/Aradia,_or_the_Gospel_of_the_Witches

Esta tradução popular e o desenho deste arquivo são da Une Sacra, sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 (CC BY-NC-SA 4.0): pode copiar e compartilhar citando "Une Sacra (unesacra.com)", sem uso comercial e com a mesma licença. O texto original segue a licença da fonte. Termos de uso: unesacra.com/#/legal/terms

Edição digital gerada em 26 de novembro de 2026 pela Une Sacra, biblioteca aberta de textos sagrados. · UneSacra.com

Sumário

Prefácio

I. Como Diana deu à luz Aradia (Herodias)

II. O Sabá, Treguenda ou reunião das bruxas — Como consagrar a ceia

III. Como Diana fez as estrelas e a chuva

IV. O encanto das pedras consagradas a Diana

V. A conjuração do limão e dos alfinetes

VI. Um feitiço para conquistar o amor

VII. Para encontrar ou comprar qualquer coisa, ou ter boa sorte com isso

VIII. Para ter uma boa vindima e um vinho muito bom com a ajuda de Diana

IX. Tana e Endamone, ou Diana e Endimião

X. Madona Diana

XI. A Casa do Vento

XII. Tana, a deusa da Lua

XIII. Diana e as crianças

XIV. Os mensageiros duendes de Diana e Mercúrio

XV. Laverna

Apêndice: Comentários sobre os textos precedentes

PREFÁCIO

✦

1 Se o leitor já topou com as obras do erudito folclorista G. Pitré, ou com os artigos que "Lady Vere de Vere" escreveu para a Rivista italiana, ou com o de J. H.

1.2 Andrews para a Folk-Lore, saberá que existem na Itália grandes quantidades de strege, cartomantes ou bruxas, que adivinham pelas cartas, realizam cerimônias estranhas nas quais se supõe que espíritos sejam invocados, fazem e vendem amuletos e, de fato, se comportam em geral como costumam se comportar as de sua fama, sejam elas os Black Voodoos da América ou feiticeiras de qualquer outro lugar.

2 Mas a strega ou feiticeira italiana é, em certos aspectos, uma figura diferente dessas. Na maioria dos casos, ela vem de uma família na qual o seu ofício ou arte vem sendo praticado há muitas gerações. Não tenho dúvida de que há casos em que a ascendência remonta aos tempos medievais, romanos, ou talvez etruscos.

2.2 O resultado, naturalmente, foi o acúmulo de muita tradição nessas famílias. Mas no norte da Itália, como indica a sua literatura, embora estudiosos tenham feito uma pequena coleta de contos de fadas e superstições populares, nunca houve o menor interesse pelo estranho saber das bruxas, nem qualquer suspeita de que ele abrangesse uma quantidade incrível de antigos mitos e lendas romanas menores, como os que Ovídio registrou, mas dos quais muita coisa escapou a ele e a todos os outros escritores latinos.

3 Essa ignorância foi muito favorecida pelos próprios bruxos e bruxas, que faziam de todas as suas tradições um segredo profundo, levados a isso pelo medo dos padres.

3.2 Na verdade, estes últimos, sem perceber, contribuíram imensamente para a preservação desse saber, pois o encanto do proibido é muito grande, e a bruxaria, como a trufa, cresce melhor e tem o sabor mais picante quando está mais profundamente escondida.

3.3 Seja como for, tanto o padre quanto o bruxo estão desaparecendo agora com rapidez incrível — um escritor francês chegou a notar que um franciscano num vagão de trem é uma estranha anomalia —, e mais alguns anos de jornais e bicicletas (Deus sabe o que será quando surgirem as máquinas voadoras!) provavelmente farão tudo se desvanecer.

4 No entanto, eles morrem devagar, e ainda hoje há velhos na Romanha do Norte que conhecem os nomes etruscos dos Doze Deuses e invocações a Baco, Júpiter e Vênus, Mercúrio e os Lares ou espíritos ancestrais, e nas cidades há mulheres que preparam estranhos amuletos sobre os quais murmuram feitiços, todos conhecidos no antigo tempo romano, e que conseguem espantar até os eruditos com suas lendas de deuses latinos, misturadas a um saber que se pode encontrar em Catão ou Teócrito.

4.2 Conheci intimamente uma delas em 1886 e, desde então, emprego-a especialmente para recolher, entre suas irmãs do feitiço oculto em muitos lugares, todas as tradições dos tempos antigos que elas conhecem.

4.3 É verdade que me vali de outras fontes, mas essa mulher, por longa prática, aprendeu perfeitamente o que poucos entendem, ou seja, justamente o que eu quero, e como extraí-lo das de sua espécie.

5 Entre outras relíquias estranhas, ela conseguiu, depois de muitos anos, obter o seguinte "Evangelho", que tenho em sua própria letra. Um relato completo de sua natureza, com muitos detalhes, se encontrará num Apêndice. Não sei ao certo se minha informante tirou parte dessas tradições de fontes escritas ou de narração oral, mas creio que foi sobretudo desta última.

5.2 Há, porém, alguns bruxos que copiam ou guardam documentos relativos à sua arte. Não vi mais minha coletora desde que o "Evangelho" me foi enviado. Espero, em algum momento futuro, estar mais bem informado.

6 Para uma breve explicação, posso dizer que a bruxaria é conhecida por seus devotos como la vecchia religione, ou a velha religião, da qual Diana é a Deusa, sua filha Aradia (ou Herodias) a Messias feminina, e que esta pequena obra expõe como esta última nasceu, desceu à terra, estabeleceu as bruxas e a bruxaria e depois voltou ao céu.

6.2 Junto com isso são dadas as cerimônias e invocações ou encantamentos a serem dirigidos a Diana e Aradia, o exorcismo de Caim e os feitiços da pedra sagrada, da arruda e da verbena, que constituem, como declara o texto, o ofício religioso regular, por assim dizer, que deve ser cantado ou pronunciado nas reuniões das bruxas.

6.3 Estão incluídos também os curiosíssimos encantamentos ou bênçãos do mel, da farinha e do sal, ou bolos da ceia das bruxas, que é curiosamente clássica e evidentemente uma relíquia dos Mistérios romanos.

7 A obra poderia ter sido estendida ad infinitum acrescentando-se as cerimônias e encantamentos que de fato fazem parte da Escritura da Bruxaria, mas como estes se encontram quase todos — ou pelo menos em grande

número — em minhas obras intituladas Etruscan-Roman Remains e Legends of Florence, hesitei em compilar tal volume antes de verificar se existe uma parcela suficientemente grande do público disposta a comprar uma obra dessas.

8 Depois de escrever o que precede, encontrei e li uma obra muito inteligente e divertida intitulada Il Romanzo dei Settimani, G. Cavagnari, 1889, na qual o autor, em forma de romance, retrata vivamente os costumes, os hábitos de pensamento e especialmente a natureza da bruxaria e as muitas superstições correntes entre os camponeses da Lombardia.

8.2 Infelizmente, apesar de seu amplo conhecimento do assunto, nunca parece ter ocorrido ao narrador, nem uma única vez, que essas tradições fossem outra coisa senão tolices nocivas ou desatinos abominavelmente anticristãos.

8.3 Que nelas existam maravilhosas relíquias da mitologia antiga e um folclore valioso, que é o próprio cor cordium da história, isso lhe importa tão pouco quanto importaria a um Zoccolone qualquer ou franciscano andarilho.

8.4 Seria de pensar que um homem que sabia que uma bruxa realmente tentou matar sete pessoas como cerimônia ou rito, a fim de obter o segredo da riqueza sem fim, pudesse ter suspeitado de que tal feiticeira devia possuir um acervo de lendas maravilhosas; mas de tudo isso não há vestígio, e é muito evidente que nada estaria mais longe de sua mente do que a ideia de que houvesse em tudo aquilo algo interessante de um ponto de vista mais elevado ou mais simpático.

9 Seu livro, enfim, pertence ao enorme número daqueles escritos sobre fantasmas e superstição desde que esta caiu em descrédito, nos quais os autores se entregam a muita zombaria satírica, bem segura porém barata, daquilo que para eles é apenas vulgar e falso.

9.2 Como Sir Charles Coldstream, espiaram dentro da cratera do Vesúvio depois que ele deixou de "entrar em erupção" e não encontraram "nada lá dentro". Mas houve algo ali um dia; e o homem de ciência, coisa que Sir Charles não era, ainda encontra muito nos restos, e o antiquário encontra uma Pompeia ou uma Herculano — diz-se que ainda há sete cidades soterradas a desenterrar.

9.3 Fiz o pouco (é realmente muito pouco) que pude para desenterrar alguma coisa do vulcão morto da feitiçaria italiana.

10 Se é assim que a bruxaria italiana é tratada pelo escritor mais inteligente que a retratou, não se achará notável que sejam pouquíssimos os que se importarão em saber se existe um verdadeiro Evangelho das Bruxas, aparentemente de extrema antiguidade, que encarna a crença numa estranha contrarreligião que se manteve desde a pré-história até os dias de hoje.

10.2 "A bruxaria é toda lixo, ou coisa pior", diziam os velhos escritores, "e por conseguinte todos os livros sobre ela não valem mais que isso." Espero sinceramente, no entanto, que estas páginas caiam nas mãos de ao menos alguns que pensem melhor delas.

11 Devo, contudo, em justiça àqueles que se interessam em explorar caminhos sombrios e desconcertantes, explicar claramente que o saber das bruxas é escondido com o mais escrupuloso cuidado de todos, exceto de muito poucos, na Itália, assim como acontece entre os Medas dos Chippeway ou no Black Voodoo.

11.2 No romance tirado da vida, I Settimani, um aspirante é representado vivendo com uma bruxa e adquirindo ou recolhendo com esforço, pedaço por pedaço, seus feitiços e encantamentos, dedicando anos a isso. Do mesmo modo, meu amigo, o falecido M.

11.3 Dragomanoff, contou-me como um certo homem na Hungria, tendo sabido que ele colecionara muitos feitiços (que de fato foram depois publicados em revistas de folclore), entrou às escondidas no quarto do estudioso e os copiou furtivamente, de modo que no ano seguinte, quando Dragomanoff voltou, encontrou o ladrão em plena atividade como um próspero mago.

11.4 Na verdade ele não obtivera muitos encantamentos, só uma dúzia ou pouco mais, mas muito pouco já rende bastante nesse negócio, e ouso dizer que talvez não haja uma única bruxa na Itália que conheça tantos quanto os que publiquei, já que os meus foram assiduamente coletados de muitas, por toda parte.

11.5 Além disso, tudo o que é escrito desse tipo é muitas vezes destruído com escrupuloso cuidado por padres ou penitentes, ou pelo vasto número de pessoas que têm um medo supersticioso até de estar na mesma casa que tais documentos, de modo que considero o resgate do Vangelo algo, para dizer o mínimo, notável.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

I. COMO DIANA DEU À LUZ ARADIA (HERODIAS)

✦

1 “É Diana! Vede!
Ela surge em crescente.”
—Keats, Endimião.

2 “Tornai mais brilhante
O crescente da Rainha das Estrelas em sua noite de núpcias.”
—Ibid.

3 Este é o Evangelho (Vangelo) das Bruxas:

4 Diana amava muito seu irmão Lúcifer, o deus do Sol e da Lua, o deus da Luz (Esplendor), que era tão orgulhoso de sua beleza e que, por seu orgulho, foi expulso do Paraíso.

5 Diana teve de seu irmão uma filha, a quem deram o nome de Aradia [isto é, Herodias].

6 Naqueles dias havia na terra muitos ricos e muitos pobres.

7 Os ricos faziam escravos de todos os pobres.

8 Naqueles dias havia muitos escravos que eram tratados com crueldade; em cada palácio, torturas; em cada castelo, prisioneiros.

9 Muitos escravos fugiram. Fugiram para o campo; assim se tornaram ladrões e gente má. Em vez de dormir à noite, tramavam fugas e roubavam seus senhores, e depois os matavam. Assim moravam nas montanhas e flo-

restas como bandidos e assassinos, tudo para escapar da escravidão.

10 Diana disse um dia à sua filha Aradia:

11 É bem verdade que tu és um espírito,
Mas nasceste apenas para te tornares de novo
Uma mortal; deves descer à terra
Para ser mestra de mulheres e homens
Que de bom grado estudariam bruxaria em tua escola

12 Mas nunca serás como a filha de Caim,
Nem como a raça que afinal se tornou
Perversa e infame de tanto sofrer,
Como são os judeus e os ciganos errantes,
Que são todos ladrões e velhacos; semelhantes a eles
Não sereis....

13 E tu serás a primeira das bruxas conhecidas;
E tu serás a primeira de todas no mundo;
E tu ensinarás a arte de envenenar,
De envenenar aqueles que são grandes senhores de tudo;
Sim, tu os farás morrer em seus palácios;
E tu prenderás a alma do opressor (com poder);
E quando encontrardes um camponês que seja rico,
Então ensinareis à bruxa, vossa discípula, como
Arruinar todas as suas colheitas com tempestades terríveis,
Com relâmpago e com trovão (terrível),
E com o granizo e o vento. ...

14 E quando um padre vos fizer mal
Com suas bênçãos, vós lhe fareis
O dobro do dano, e o fareis em nome
De mim, Diana, Rainha de todas as bruxas!

15 E quando os padres ou a nobreza
Vos disserem que deveis pôr vossa fé
No Pai, no Filho e em Maria, respondei então:
"Vosso Deus, o Pai, e Maria são
Três demônios....

16 "Pois o verdadeiro Deus Pai não é o vosso;
Pois eu vim para varrer os maus,
Os homens do mal, a todos destruirei!

17 "Vós que sois pobres sofreis de fome aguda,
E labutais na miséria, e sofreis também
Muitas vezes a prisão; mas, apesar de tudo,
Tendes uma alma, e por vossos sofrimentos
Sereis felizes no outro mundo,
Mas mau será o destino de todos os que vos fazem mal!"

18 Ora, quando Aradia foi ensinada, ensinada a operar toda a bruxaria, a destruir a raça má (dos opressores), ela (transmitiu-o a suas discípulas) e lhes disse:

19 Quando eu tiver partido deste mundo,
Sempre que tiverdes necessidade de alguma coisa,
Uma vez por mês, e quando a lua estiver cheia,
Vós vos reunireis em algum lugar deserto,

Ou numa floresta, todas juntas,
Para adorar o espírito poderoso de vossa rainha,
Minha mãe, a grande Diana. Aquela que deseja
Aprender toda a feitiçaria, mas ainda não conquistou
Seus segredos mais profundos, a essa minha mãe
Ensinará, na verdade, todas as coisas ainda desconhecidas.
E sereis todos libertados da escravidão,
E assim sereis livres em tudo;
E como sinal de que sois verdadeiramente livres,
Estareis nus em vossos ritos, tanto homens
Quanto mulheres: isto durará até que
O último de vossos opressores esteja morto;
E fareis o jogo de Benevento,
Apagando as luzes, e depois disso
Fareis assim vossa ceia:

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

II. O SABÁ, TREGUENDA OU REUNIÃO DAS BRUXAS — COMO CONSAGRAR A CEIA

✦

1 Segue-se aqui a ceia, de que deve consistir e o que se deve dizer e fazer para consagrá-la a Diana.

2 Tomareis farinha e sal, mel e água, e fareis este encantamento:

3 A Conjuração da Farinha.

4 Eu te conjuro, ó Farinha!
Que és de fato nosso corpo, pois sem ti
Não poderíamos viver, tu que (primeiro como semente)
Antes de te tornares flor foste para a terra,
Onde se escondem todos os segredos profundos, e depois, moída,
Dançaste como pó ao vento, e no entanto
Levaste contigo, esvoaçando, estranhos segredos!

5 E outrora, quando ainda estavas na espiga,
Como um grão (dourado) e reluzente, já então
Os vaga-lumes vinham lançar sobre ti sua luz
E ajudar teu crescimento, porque sem sua ajuda
Não poderias crescer nem te tornar bela;
Por isso pertences à raça
Das bruxas ou das fadas, e porque
Os vaga-lumes pertencem ao sol....
.....

Rainha dos Vaga-lumes! depressa, apressa o passo,
Vem a mim agora como quem corre uma corrida,
Embrida o cavalo enquanto me ouves cantar!
Embrida, ó embrida o filho do rei!
Vem depressa e traze-o a mim!
O filho do rei em breve te libertará;
E porque és para sempre brilhante e bela,
Sob um vidro te guardarei; e enquanto ali estiveres,
Com uma lente estudarei teus segredos ocultos,
Até que todos os seus mistérios luminosos se revelem por completo,
Sim, todo o saber maravilhoso e intrincado
Desta vida de nossa cruz e da próxima.
Assim alcançarei todos os mistérios,
Sim, até, por fim, o do grão;
E quando enfim eu o souber de verdade,
Vaga-lume, livremente te deixarei ir!
Quando os segredos sombrios da Terra me forem conhecidos,
Minha bênção enfim te darei!

6 Segue-se aqui a Conjuração do Sal.

7 Conjuração do Sal.

8 Eu te conjuro, sal; eis que aqui, ao meio-dia,
Bem no meio de um riacho
Tomo meu lugar e vejo a água em volta,
E também o sol, e não penso em mais nada
Enquanto estou aqui junto à água e ao sol:
Pois toda a minha alma se volta de verdade para eles;

Não desejo de fato nenhum outro pensamento,
Anseio por aprender a própria verdade das verdades,
Pois sofri muito tempo com o desejo
De conhecer meu futuro ou meu destino vindouro,
Se nele prevalecerá o bem ou o mal.
Água e sol, sede-me propícios!

[9] Segue-se aqui a Conjuração de Caim.

[10] A Conjuração de Caim.

[11] Eu te conjuro, ó Caim, já que jamais poderás
Ter descanso ou paz até que sejas libertado
Do sol, onde estás aprisionado, e precisas andar
Batendo as mãos e correndo depressa enquanto isso:
Rogo-te que me faças conhecer meu destino;
E se for mau, muda o seu curso para mim!
Se me concederes esta graça, eu a verei claramente
Na água, no esplendor do sol;
E tu, ó Caim, dirás de viva voz
O que quer que este meu destino venha a ser.
E se não me concederes isto,
Que jamais conheças paz ou ventura!

[12] Depois virá a Conjuração de Diana.

[13] Fareis bolos de farinha, vinho, sal e mel em forma de lua (crescente ou com chifres), e então os poreis para assar, e direis:

[14] Conjuração de Diana.

15 Não asso o pão, nem com ele o sal,
Nem cozinho o mel com o vinho;
Asso o corpo e o sangue e a alma,
A alma da (grande) Diana, para que ela
Não conheça descanso nem paz, e fique sempre
Em cruel sofrimento até que me conceda
O que eu peço, o que mais desejo,
Suplico-lhe isso do fundo do coração!
E se a graça for concedida, ó Diana!
Em tua honra farei esta festa,
Festejaremos e esvaziaremos a taça,
Dançaremos e saltaremos loucamente,
E se me concederes a graça que eu peço,
Então, quando a dança estiver mais desenfreada, todas as lâmpadas
Serão apagadas e amaremos livremente!

16 E assim se fará: todos se sentarão para a ceia, todos nus, homens e mulheres, e, terminada a festa, dançarão, cantarão, tocarão música e depois se amarão na escuridão, com todas as luzes apagadas; pois é o Espírito de Diana quem as apaga, e assim dançarão e tocarão música em seu louvor.

17 E aconteceu que Diana, depois que sua filha cumpriu sua missão ou passou seu tempo na terra entre os vivos (mortais), chamou-a de volta e lhe deu o poder de que, quando fosse invocada... tendo feito alguma boa ação... deu-lhe o poder de satisfazer aqueles que a tivessem conjurado, concedendo a ela ou a ele sucesso no amor:

18 De abençoar ou amaldiçoar com poder amigos ou inimigos [de fazer o bem ou o mal].

19 De conversar com os espíritos.

20 De encontrar tesouros escondidos em ruínas antigas.

21 De conjurar os espíritos de padres que morreram deixando tesouros.

22 De entender a voz do vento.

23 De transformar água em vinho.

24 De adivinhar pelas cartas.

25 De conhecer os segredos da mão (quiromancia).

26 De curar doenças.

27 De tornar belos os que são feios.

28 De domar animais selvagens.

29 Qualquer coisa que fosse pedida ao espírito de Aradia seria concedida àqueles que merecessem seu favor.

30 E assim devem invocá-la:

31 Assim busco Aradia! Aradia! Aradia! À meia-noite, à meia-noite vou a um campo, e comigo levo água, vinho e sal, levo água, vinho e sal, e meu talismã — meu talismã, meu talismã, e uma pequena bolsa vermelha que sempre seguro na mão — con dentro, con dentro, sale, com sal dentro, dentro. Com a água e o vinho me benzo, me benzo com devoção para implorar um favor de Aradia, Aradia.

32 A Invocação a Aradia.

33 Aradia! minha Aradia!
Tu que és filha daquele que foi
O mais malvado de todos os espíritos, que outrora
Reinou no inferno quando expulso do céu,
Que de sua irmã se tornou teu pai,
Mas como tua mãe se arrependeu de sua falta
E quis te unir a um espírito que
Fosse benévolo,
E não malévolo!

34 Aradia, Aradia! Eu te imploro
Pelo amor que ela teve por ti!
E pelo amor que eu também sinto por ti!
Rogo-te que me concedas a graça que peço!
E se esta graça for concedida, que me apareça
Um de três sinais bem claro para mim:
O silvo de uma serpente,
A luz de um vaga-lume,
O som de uma rã!
Mas se recusares este favor, então
Que no futuro não conheças paz nem alegria,
E sejas obrigada a me procurar de longe,
Até que venhas me conceder meu desejo,
Às pressas, e então poderás voltar
Ao teu destino. Com isso, Amém!

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

III. COMO DIANA FEZ AS ESTRELAS E A CHUVA

✦

1 Diana foi a primeira criada antes de toda a criação; nela estavam todas as coisas; de si mesma, a primeira escuridão, ela se dividiu; em escuridão e luz ela foi dividida. Lúcifer, seu irmão e filho, ela mesma e sua outra metade, era a luz.

2 E quando Diana viu que a luz era tão bela, a luz que era sua outra metade, seu irmão Lúcifer, ansiou por ela com um desejo imensamente grande. Querendo receber de novo a luz em sua escuridão, engoli-la em êxtase, em deleite, ela tremia de desejo. Esse desejo foi a Aurora.

3 Mas Lúcifer, a luz, fugiu dela e não quis ceder a seus desejos; ele era a luz que voa para as partes mais distantes do céu, o rato que foge diante do gato.

4 Então Diana foi aos pais do Princípio, às mães, os espíritos que existiam antes do primeiro espírito, e lamentou-se a eles por não conseguir vencer Lúcifer. E eles a louvaram por sua coragem; disseram-lhe que, para subir, ela devia cair; para se tornar a principal das deusas, devia se tornar mortal.

5 E nas eras, no correr do tempo, quando o mundo foi feito, Diana desceu à terra, como fez Lúcifer, que havia caído, e Diana ensinou a magia e a feitiçaria, de onde vieram as bruxas, as fadas e os duendes — tudo o que é semelhante ao homem, mas não é mortal.

6 E aconteceu assim que Diana tomou a forma de uma gata. Seu irmão tinha uma gata que ele amava acima de todas as criaturas, e ela dormia toda noite em sua cama, uma gata bela acima de todas as outras criaturas, uma fada: ele não o sabia.

7 Diana convenceu a gata a trocar de forma com ela; assim deitou-se com seu irmão e, na escuridão, assumiu sua própria forma, e assim, de Lúcifer, tornou-se a mãe de Aradia.

7.2 Mas quando, pela manhã, ele descobriu que estava deitado ao lado de sua irmã, e que a luz fora vencida pela escuridão, Lúcifer ficou extremamente irado; mas Diana cantou-lhe um feitiço, uma canção de poder, e ele se calou, a canção da noite que acalma até o sono; ele não pôde dizer nada.

7.3 Assim Diana, com suas artimanhas de bruxaria, o encantou de tal modo que ele cedeu ao seu amor. Esta foi a primeira fascinação; ela cantarolou a canção, e era como o zumbido das abelhas (ou de um pião girando), uma roca fiando a vida. Ela fiou as vidas de todos os homens; todas as coisas foram fiadas na roda de Diana. Lúcifer girava a roda.

8 Diana não era conhecida pelas bruxas e espíritos, pelas fadas e elfos que habitam os lugares desertos, pelos duendes, como sua mãe; ela se escondeu em humildade e foi mortal, mas por sua vontade elevou-se de novo acima de tudo. Tinha tamanha paixão pela bruxaria, e tornou-se tão poderosa nela, que sua grandeza não pôde ser escondida.

9 E assim aconteceu que, certa noite, na reunião de todas as feiticeiras e fadas, ela declarou que escureceria os céus e transformaria todas as estrelas em ratos.

10 Todos os que estavam presentes disseram —

11 “Se conseguires fazer uma coisa tão estranha, tendo subido a tal poder, serás nossa rainha.”

12 Diana foi para a rua; tomou a bexiga de um boi e uma moeda de bruxa, que tem um gume como de faca — com tal moeda as bruxas cortam a terra das pegadas dos homens — e cortou a terra, e com ela e muitos ratos encheu a bexiga, e soprou dentro da bexiga até que ela estourou.

13 E veio uma grande maravilha, pois a terra que estava na bexiga tornou-se o céu redondo lá em cima, e durante três dias houve uma grande chuva; os ratos tornaram-se estrelas ou chuva. E tendo feito o céu, as estrelas e a chuva, Diana tornou-se Rainha das Bruxas; ela era a gata que governava os ratos-estrelas, o céu e a chuva.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

IV. O ENCANTO DAS PEDRAS CONSAGRADAS A DIANA

✦

1 Encontrar uma pedra com um furo é um sinal especial do favor de Diana. Quem a encontrar deverá tomá-la na mão e repetir o seguinte, tendo observado a cerimônia conforme prescrita:—

2 Invocação à Pedra Sagrada.

3 Encontrei
Uma pedra sagrada no chão.
Ó Destino! eu te agradeço pelo feliz achado,
E também ao espírito que neste caminho
Ma deu;
E que ela venha a ser para o meu verdadeiro bem
E para a minha boa sorte!

4 Levanto-me de manhã à primeira luz da aurora,
E saio a caminhar por vales (aprazíveis),
Pelas montanhas ou pelos belos prados,
Buscando a sorte enquanto ainda vou vagando,
Buscando arruda e verbena de doce perfume,
Porque trazem boa sorte a todos.
Guardo-as bem protegidas em meu peito,
Para que ninguém o saiba — é coisa secreta,
E sagrada também, e assim digo o feitiço:

"Ó verbena! sê sempre um benefício,
E que tua bênção esteja sobre a bruxa
Ou sobre a fada que te deu a mim!"

5 Foi Diana quem veio a mim,
Na noite, num sonho, e me disse:
"Se quiseres manter longe toda a gente má,
Guarda sempre a verbena e a arruda
Bem seguras junto de ti!"

6 Grande Diana! tu
Que és a rainha do céu e da terra,
E das regiões infernais — sim, tu que és
Protetora de todos os homens desafortunados,
Dos ladrões e assassinos, e também das mulheres
Que levam uma vida má, e que no entanto soubeste
Que a natureza delas não era má, tu, Diana,
Ainda lhes concedeste alguma alegria na vida.

7 Ou em outra ocasião posso de fato
Conjurar-te de tal modo que não terás paz
Nem felicidade, pois estarás sempre
Em sofrimento até que me concedas aquilo
Que te peço com a mais estrita fé!

8 [Aqui temos de novo a ameaça à divindade, assim como no xamanismo esquimó ou em outros, que representa a forma primitiva mais rude de conjuração: os espíritos são ameaçados. Encontra-se um vestígio disso entre católicos romanos rústicos. Assim, quando São Bruno, há alguns anos, numa

cidade da Romanha, não atendeu às orações de seus devotos por chuva, eles enfiaram sua imagem na lama do rio, de cabeça para baixo. Logo se seguiu uma chuva, e o santo foi reconduzido com honra a seu lugar na igreja.]

9 O Feitiço ou Conjuração da Pedra Redonda.

10 Encontrar uma pedra redonda, seja grande ou pequena, é um bom sinal (e buono augurio), mas ela nunca deve ser dada a ninguém, porque quem a receber ficará então com a boa sorte, e algum desastre recairá sobre quem a deu.

11 Ao encontrar uma pedra redonda, erguei os olhos ao céu, jogai a pedra para cima três vezes (apanhando-a a cada vez) e dizei:—

12 A Conjuração.

13 Espírito de bom agouro,
Que vieste me ajudar,
Crê que eu tinha grande necessidade de ti.
Espírito do Duende Vermelho,
Já que vieste me ajudar em minha necessidade,
Rogo-te que não me abandones:
Suplico-te que entres agora nesta pedra,
Para que no meu bolso eu possa te levar,
E assim, quando eu precisar de alguma coisa,
Possa te chamar: seja o que for,
Não me abandones nem de noite nem de dia.

14 Se eu emprestar dinheiro a algum homem
Que não pague no prazo, rogo-te,
Tu, o Duende Vermelho, faze-o pagar sua dívida!
E se ele não quiser e for teimoso,
Vai atrás dele com teu grito de "Brié—brié!"
E se ele dormir, acorda-o com um puxão,
E arranca-lhe a coberta e assusta-o!
E segue-o por onde quer que ele vá.

15 Ensina-lhe assim com teu incessante "Brie—brie!"
Que quem esquece sua obrigação
Terá aflição até pagar suas dívidas.

16 E assim meu devedor no dia seguinte
Ou trará o dinheiro que deve,
Ou o enviará prontamente: assim te rogo,
Ó meu Duende Vermelho, vem em meu auxílio!
Ou se eu brigar com aquela que amo,
Então, espírito da boa sorte, rogo-te que vás
Até ela enquanto dorme — puxa-a pelos cabelos,
E leva-a pela noite até a minha cama!
E pela manhã, quando todos os espíritos vão
Para o seu repouso, tu, antes de voltares
Para a tua pedra, leva-a de novo para casa,
E deixa-a ali adormecida. Por isso, ó Duende!
Suplico-te que faças deste seixo a tua morada!

Obedece em tudo a tudo o que eu ordenar.
Assim no meu bolso estarás para sempre,
E tu e eu jamais nos separaremos!

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

V. A CONJURAÇÃO DO LIMÃO E DOS ALFINETES

✦

[1] Scongiurazione al Limone appuntato un Spille.

[2] Consagrada a Diana.

[3] Um limão cravejado de alfinetes de cores diferentes sempre traz boa sorte.

[4] Se receberdes de presente um limão cheio de alfinetes de várias cores, sem nenhum preto entre eles, isso significa que vossa vida será perfeitamente feliz, próspera e alegre.

[5] Mas se houver alguns alfinetes pretos entre eles, podereis gozar de boa sorte e saúde, contudo misturadas a aborrecimentos que talvez sejam de pouca importância. [No entanto, para diminuir sua influência, deveis realizar a seguinte cerimônia e pronunciar este encantamento, no qual tudo também é descrito.]

[6] O Encantamento a Diana.

[7] No instante em que chegou a meia-noite,
Colhi um limão no jardim,
Colhi um limão, e com ele
Uma laranja e uma tangerina (perfumada).
Colhendo com cuidado essas coisas (preciosas),
E enquanto colhia disse com cuidado:
“Tu que és Rainha do sol e da lua

E das estrelas — eis que aqui te chamo!
E com o poder que tenho te conjuro
A me conceder o favor que imploro!
Três coisas colhi aqui no jardim:
Um limão, uma laranja e uma tangerina;
Colhi-as para me trazer boa sorte.
Duas delas seguro aqui na mão,
E aquela que há de me servir para o meu destino,
Rainha das estrelas!
Faze então que esse fruto permaneça firme em minha mão.

8 [Algo foi aqui omitido no manuscrito. Suponho que as duas são lançadas ao ar sem que se olhe para elas, e se o limão permanece, a cerimônia prossegue como segue. Isso é evidente, pois nela o encantamento se confunde com uma instrução em prosa sobre como agir.]

9 Dizendo isto, olha-se para o céu, e encontrei o limão numa das mãos, e uma voz me disse —

10 "Toma muitos alfinetes e crava-os com cuidado no limão, alfinetes de muitas cores; e assim terás boa sorte, e se desejares dar o limão a alguém ou a um amigo, deves cravar nele muitos alfinetes de cores variadas.

11 "Mas se quiseres que o mal recaia sobre alguém, põe nele alfinetes pretos.

12 "Mas para isso deves pronunciar um encantamento diferente (assim)": —

13 A Invocação a Diana.

14 Deusa Diana, eu te conjuro
E com voz erguida te chamo,
Para que nunca tenhas contentamento nem paz
Até que venhas me dar toda a tua ajuda.
Por isso amanhã, ao bater do meio-dia,
Esperarei por ti, levando uma taça de vinho,
E com ela uma lente ou um pequeno vidro ardente.
E treze alfinetes porei no encanto;
Os que eu puser serão todos pretos,
Mas tu, Diana, tu os colocarás todos!

15 E tu chamarás para mim os demônios do inferno;
Tu os enviarás como companheiros do Sol,
E todo o fogo infernal por si mesmo
Esses demônios trarão, e trarão com ele o poder
Ao Sol para fazer ferver este vinho (tinto),
De modo que estes alfinetes fiquem em brasa pelo calor;
E com eles encho aqui o limão,
Para que a ela ou a ele a quem for dado
A paz e a prosperidade sejam desconhecidas.

16 Se esta graça eu obtiver de ti,
Dá-me um sinal, eu te rogo!
Antes que o terceiro dia
Tenha passado,
Deixa-me ouvir ou ver
Um vento rugindo, uma chuva estrepitosa,
Ou granizo martelando a planície;

Até que me mostres um desses três sinais,
Paz, Diana, não conhecerás.
Responde bem à prece que te enviei,
Ou dia e noite eu te atormentarei!

17 Assim como a laranja era o fruto do Sol, o limão sugere a Lua ou Diana, sendo sua cor de um amarelo mais claro. No entanto, o limão escolhido especialmente para o encanto é sempre verde, porque ele "endurece" e fica preto.

17.2 Não é geralmente sabido que a casca de laranja e de limão, submetida a pressão e combinada com um adesivo, pode ser transformada numa substância dura que pode ser moldada ou usada para muitos fins. Dediquei um capítulo a isso numa obra ainda inédita intitulada One Hundred Minor Arts. Isso me foi sugerido pelo limão endurecido que uma bruxa me deu como amuleto.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

VI. UM FEITIÇO PARA CONQUISTAR O AMOR

✦

1 Quando um bruxo, adorador de Diana, alguém que adora a Lua, deseja o amor de uma mulher, pode transformá-la na forma de uma cadela, e então ela, esquecendo quem é e todas as demais coisas, irá imediatamente à casa dele, e ali, quando estiver a seu lado, retomará sua forma natural e ficará com ele.

1.2 E quando for hora de partir, ela voltará a ser cadela e irá para casa, onde se transformará de novo em moça. E não se lembrará de nada do que aconteceu, ou ao menos só de pouco ou de meros fragmentos, que lhe parecerão um sonho confuso. E ela tomará a forma de uma cadela porque Diana tem sempre um cão a seu lado.

2 E este é o feitiço a ser repetido por aquele que quiser trazer um amor para sua casa.

3 Hoje é sexta-feira, e quero me levantar muito cedo, não tendo conseguido dormir a noite toda, por ter visto uma moça belíssima, filha de um senhor rico, que não ouso esperar conquistar. Se ela fosse pobre, eu poderia ganhá-la com dinheiro; mas como é rica, não tenho esperança de fazê-lo. (Por isso conjurarei Diana para que me ajude.)

4 Invocação a Diana.

5 Diana, bela Diana!
Que és de fato tão boa quanto bela,
Por todo o culto que te prestei,

E por toda a alegria do amor que conheceste,
Imploro-te que me ajudes em meu amor!
O que quiseres, é verdade,
Sempre podes fazer:
E se a graça que busco me concederes,
Chama então, eu te rogo, tua filha Aradia,
E envia-a à cabeceira da moça,
E dá a essa moça a semelhança de uma cadela,
E faze-a então vir a mim em meu quarto,
Mas quando ela ali tiver entrado, rogo
Que reassuma sua forma humana,
Tão bela quanto sempre foi antes,
E que eu possa então amá-la até que
Nossas almas estejam plenamente saciadas de alegria.
Depois, com a ajuda da grande Rainha das Fadas
E de sua filha, a bela Aradia,
Que ela seja transformada de novo em cadela,
E depois em forma humana como antes!

6 Assim acontecerá que a moça, como cadela, voltará para casa sem ser vista nem suspeitada, pois assim será efetuado por Aradia; e a moça pensará que tudo foi um sonho, porque terá sido encantada por Aradia.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

VII. PARA ENCONTRAR OU COMPRAR QUALQUER COISA, OU TER BOA SORTE COM ISSO

✦

1 Uma Invocação ou Encantamento a Diana.

2 O homem ou a mulher que, ao sair para a cidade, deseje ficar livre de perigo ou risco de acidente, ou ter boa sorte nas compras, como, por exemplo, se um estudioso espera encontrar algum livro antigo raro ou manuscrito à venda muito barato, ou se alguém deseja comprar algo muito cobiçado ou encontrar pechinchas ou raridades. Esta scongiurazione serve para a boa saúde, a alegria do coração e a ausência de mal ou a superação da inimizade. Estas são palavras de ouro para quem crê.

3 A Diana.

4 Hoje é terça-feira, e bem cedo
Quero atrair para mim a boa sorte,
Primeiro em casa e depois quando eu sair,
E com a ajuda da bela Diana
Peço sorte antes de deixar esta casa!

5 Primeiro com três gotas de óleo removo
Toda influência maligna, e humildemente rogo,
Ó bela Diana, a ti
Que a tires toda de mim,
E a envies toda ao meu pior inimigo!

6 Quando a má sorte
For tirada de mim,
Eu a lançarei no meio da rua:
E se me concederes este favor,
Ó bela Diana,
Cada sino da minha casa tocará alegremente!

7 Então, bem contente,
Sairei a vagar,
Porque terei certeza de que com tua ajuda
Descobrirei antes de voltar
Alguns livros belos e antigos,
E a um preço módico.

8 E tu encontrarás o homem,
Aquele que possui o livro,
E tu mesma irás
E o porás em sua mente,
Inspirando-o a saber
O que é que tu queres encontrar,
E o levarás a fazer
Tudo o que tu exiges.
Ou se for um manuscrito
Escrito em tempos antigos,
Tu o obterás do mesmo modo,
Ele virá ao teu caminho,

E assim a pouco custo.
Comprarás o que quiseres,
Com a ajuda da grande Diana.

9 O que precede foi obtido, depois de alguma demora, em resposta a uma pergunta sobre qual conjuração seria necessária antes de sair, para ter certeza de encontrar à venda algum livro raro, ou outro objeto desejado, a um preço muito módico.

9.2 Por isso a invocação foi redigida de modo a aplicar-se a achados literários; mas os que desejam comprar qualquer coisa em condições igualmente favoráveis só precisam variar o pedido, conservando a introdução, na qual reside a virtude mágica.

9.3 Não consigo, contudo, resistir à convicção de que ela é mais aplicável, e terá mais êxito, nas buscas por objetos de antiguidade, erudição e arte, e por isso deveria ficar profundamente gravada na memória de todo caçador de bric-à-brac e bibliógrafo.

9.4 Deve-se observar, e com seriedade, que a prece, longe de ser atendida, se converterá no contrário ou em desgraça, a menos que quem a repita o faça com a mais plena fé, e esta não pode ser adquirida simplesmente dizendo a si mesmo: "Eu creio."

9.5 Pois adquirir fé real em qualquer coisa requer longa e séria disciplina mental, não havendo, de fato, assunto de que tanto se fale e que tão pouco se entenda. Aqui, de fato, falo a sério, pois o homem que consegue treinar sua fé para realmente crer em sua vontade e cultivá-la ou desenvolvê-la pode realmente operar aquilo que o mundo, de comum acordo, considera milagres.

9.6 Chegará o tempo em que este princípio formará não só a base de toda educação, mas também a de toda cultura moral e social. Espero tê-lo exposto plenamente numa obra intitulada "Have you a Strong Will? or how to Develop it or any other Faculty or Attribute of the Mind, and render it Habitual", &c. Londres: George Redway.

10 O leitor, contudo, que tiver fé devota pode, como declaram as bruxas, aplicar este feitiço diariamente antes de sair para conseguir ou obter qualquer tipo de pechincha nas lojas, para achar ou descobrir objetos perdidos ou, de fato, para achados de qualquer espécie.

10.2 Se ele tiver inclinação pela beleza em forma feminina, encontrará bonnes fortunes; se for homem de negócios, as pechinchas serão suas. O botânico que o repetir antes de ir aos campos provavelmente descobrirá alguma planta nova, e o astrônomo, à noite, terá quase certeza de topar com um planeta novinho em folha, ou ao menos um asteroide.

10.3 Deve ser repetido antes de ir às corridas, visitar amigos, lugares de diversão, comprar ou vender, fazer discursos, e especialmente antes de caçar ou de qualquer saída noturna, já que Diana é a deusa da caça e da noite. Mas ai de quem o fizer por brincadeira!

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

VIII. PARA TER UMA BOA VINDIMA E UM VINHO MUITO BOM COM A AJUDA DE DIANA

✦

1 "Doce é a vindima quando as uvas em chuva
Em profusão bacanal cambaleiam para a terra,
Purpúreas e jorrando."
—Byron, Don Juan, c. 124.

2 "Vinum bonum et suave,
Bonis bonum, pravis prave,
O quam dulcis sapor—ave!
Mundana lætitia!"
—Latin Songs, E. du Meril.

3 Quem quiser ter uma boa vindima e um vinho fino deve tomar um chifre cheio de vinho e com ele ir às vinhas ou sítios onde quer que cresçam videiras, e então, bebendo do chifre, dizer:—

4 Eu bebo, e no entanto não é vinho o que bebo,
Bebo o sangue de Diana,
Pois de vinho ele se transformou em seu sangue,
E espalhou-se por todas as minhas videiras que crescem,
De onde me dará bom retorno em vinhos,
Embora, mesmo que a boa vindima seja minha,
Não ficarei livre de cuidados, pois se acontecer
Que a uva amadureça na lua minguante,

Então todo o vinho acabaria mal, mas
Se bebendo deste chifre eu bebo o sangue —
O sangue da grande Diana — com sua ajuda —
Se eu mandar um beijo com a mão à lua nova,
Rogando à Rainha que guarde minhas uvas,
Desde o instante em que o broto nasce
Até que seja uma uva madura e perfeita,
E adiante até a vindima, e até o fim,
Até que o vinho esteja feito — que ele seja bom!
E que tenha tal êxito que eu dele
Possa tirar bom lucro quando enfim for vendido,
Assim venha a boa sorte às minhas videiras,
E a toda a minha terra, onde quer que esteja!
Mas se minhas videiras parecerem ir mal,
Tomarei meu chifre, e corajosamente soprarei
Na adega à meia-noite, e farei
Um som tão tremendo e terrível
Que tu, bela Diana, por mais longe
Que estejas, ainda ouvirás o chamado,
E escancarando porta ou janela,
Virás precipitada sobre o vento impetuoso,
E me encontrarás e me salvarás — isto é, salvarás minhas videiras,
O que será me salvar de uma terrível aflição;
Pois se eu as perdesse estaria eu mesmo perdido,
Mas com tua ajuda, Diana, serei salvo.

5 [Esta é uma invocação e tradição muito interessante, e provavelmente de grande antiguidade, a julgar por evidências intrínsecas muito marcantes. Pois, em primeiro lugar, ela é dedicada a um assunto que recebeu pouca atenção — a ligação de Diana como lua com Baco, embora no grande Dizionario Storico Mitologico, de Pozzoli e outros, se afirme expressamente que na Grécia seu culto estava associado ao de Baco, Esculápio e Apolo.

5.2 O elo de ligação é o chifre. Numa medalha de Alexandre Severo, a Diana de Éfeso traz o chifre da abundância. Este é o chifre ou os chifres da lua nova, consagrados a Diana. Segundo Calímaco, o próprio Apolo construiu para Diana um altar feito completamente de chifres.

6 A ligação do chifre com o vinho é óbvia. Era costume entre os antigos eslavos que o sacerdote de Svantevit, o deus-Sol, verificasse se o chifre que o ídolo segurava na mão estava cheio de vinho, a fim de profetizar uma boa colheita para o ano seguinte.

6.2 Se estava cheio, tudo ia bem; se não, ele enchia o chifre, bebia dele, recolocava o chifre na mão do ídolo e predizia que tudo acabaria bem. Não pode deixar de chamar a atenção do leitor que esta cerimônia é estranhamente parecida com a da invocação italiana, sendo a única diferença que numa se invoca o Sol e na outra a Lua para garantir uma boa colheita.

7 Nas Legends of Florence há uma da Via del Corno, na qual o herói, caindo num enorme tonel ou tina de vinho, é salvo do afogamento ao tocar uma trompa com tremendo poder. Ao som, que penetra a uma distância incrível, até terras desconhecidas, todos acorrem como que encantados para salvá-lo. Nesta conjuração, Diana, nas profundezas do céu, é represen-

tada acorrendo ao som do chifre e saltando por portas ou janelas para salvar a vindima de quem o sopra. Há uma certa afinidade singular entre essas histórias.

8 Na história da Via del Corno, o herói é salvo pelo Duende Vermelho ou Robin Goodfellow, que lhe dá uma trompa, e é o mesmo duende que aparece na conjuração da Pedra Redonda, que é consagrada a Diana. Isso porque o espírito é noturno e está a serviço de Diana-Titânia.

9 Mandar um beijo com a mão à lua nova é uma cerimônia de antiguidade desconhecida, e Jó, já em seu tempo, a considerava pagã e proibida — o que sempre significa antiquada e fora de moda —, como quando declarou (xxxi.

9.2 26, 27): "Se eu olhei para a lua caminhando em seu brilho... e meu coração foi secretamente seduzido, ou minha boca beijou minha mão... também isto seria uma iniquidade a ser punida pelo Juiz, pois eu teria negado o Deus que está no alto."

9.3 Do que se pode ou se deve inferir que Jó não entendia que Deus fez a lua e se manifestava em todas as Suas obras, ou então que ele realmente acreditava que a lua era uma divindade independente. De qualquer modo, é curioso ver o velho rito proibido ainda vivo, e tão herético quanto sempre.

10 A tradição, tal como me foi transmitida, omite muito evidentemente uma parte da cerimônia, que pode ser suprida pela autoridade clássica. Quando o camponês realiza o rito, não deve agir como agiu certa vez um africano que era criado de um amigo meu. O dever do homem de cor era derramar toda manhã uma libação de rum a um fetiche — e ele a derramava pela própria garganta.

10.2 O camponês deve também aspergir as videiras, assim como os fazendeiros de Devonshire, que observavam todas as cerimônias de Natal, aspergiam, também de um chifre, suas macieiras.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

IX. TANA E ENDAMONE, OU DIANA E ENDIMIÃO

✦

1 "Hic ultra Endymionem indormit negligentiæ."

2 "Conta a fábula que Endimião, admitido no Olimpo, de onde foi expulso por falta de respeito a Juno, foi banido para a terra por trinta anos. E, tendo-lhe sido permitido dormir esse tempo numa caverna do monte Latmos, Diana, encantada com sua beleza, visitava-o todas as noites, até que teve dele cinquenta filhas e um filho. E depois disso Endimião foi chamado de volta ao Olimpo."

3 —Diz. Stor. Mitol.

4 A lenda e os feitiços a seguir me foram dados sob o nome ou título de Tana. Este era o antigo nome etrusco de Diana, que ainda se conserva na Romanha Toscana. Em mais de uma obra italiana e francesa encontrei algum relato ou conto de como uma bruxa fez uma moça adormecer por encanto em favor de um amante, mas esta é a única explicação de toda a cerimônia que conheço.

5 Tana.

6 Tana é uma bela deusa, e amava um jovem maravilhosamente formoso chamado Endamone; mas seu amor foi contrariado por uma bruxa que era sua rival, embora Endamone não se importasse com esta.

7 Mas a bruxa resolveu conquistá-lo, quisesse ele ou não, e com essa intenção induziu o criado de Endamone a deixá-la passar a noite no quarto do amo. E, estando lá, tomou a aparência de Tana, a quem ele amava, de modo que ele ficou encantado ao vê-la, como pensava, e a recebeu com abraços apaixonados. Mas isso o entregou ao poder dela, pois lhe permitiu realizar certo feitiço mágico cortando-lhe uma mecha de cabelo.

8 Então ela foi para casa e, tomando um pedaço de tripa de carneiro, fez com ele uma bolsa, e nela pôs o que havia tirado, com uma fita vermelha e uma preta atadas juntas, com uma pena, e pimenta e sal, e então cantou uma canção. Estas foram as palavras, uma canção de feitiçaria dos tempos muito antigos.

9 O feitiço.

10 Esta bolsa para Endamon' eu teci,
É minha vingança pelo amor,
Pelo profundo amor que tive por ti,
Que tu não quiseste me retribuir,
Mas levaste todo ao santuário de Tana,
E Tana nunca há de ser tua!
Agora toda noite em agonia
Por mim serás oprimido!
De dia em dia, de hora em hora,
Farei que sintas o poder da bruxa;
Com paixão serás atormentado,
E contudo nunca saciado de prazer;
Envolto em sono ficarás deitado,
Sabendo que tua amada está ao lado,

E, sempre morrendo, nunca morrerás,
Sem o poder de dizer uma palavra,
Nem a voz dela por ti será ouvida;
Atormentado pela agonia do Amor,
Não haverá alívio para ti!
Pois meu forte feitiço não podes quebrar,
E desse sono nunca hás de despertar:
Pouco a pouco irás definhando,
Como vela posta junto às brasas.
Pouco a pouco irás morrendo,
Mas, sempre vivo, jazerás torturado,
Forte no desejo, mas sempre fraco,
Sem o poder de mover-te ou falar,
Com todo o amor que tive por ti
Tu mesmo serás atormentado,
Pois todo o amor que senti há pouco
Farei que sintas em ódio ardente,
Sempre inclinada à tua tortura,
Estou vingada, e agora contente.

[11] Mas Tana, que era muito mais poderosa que a bruxa, embora não pudesse quebrar o feitiço pelo qual ele era obrigado a dormir, tirou-lhe toda a dor (ele a reconhecia em sonhos) e, abraçando-o, cantou este contrafeitiço.

[12] O contrafeitiço.

[13] Endamone, Endamone, Endamone!
Pelo amor que sinto, e que
Sempre hei de sentir até morrer,

Três cruzes em teu leito faço,
E então três castanhas-da-índia tomo;
Naquele leito as castanhas escondo,
E então abro bem a janela,
Para que a lua cheia lance sua luz
Sobre um amor tão belo e luminoso,
E assim rogo a ela lá no alto
Que dê arrebatamento ao nosso amor,
E lance seu fogo em cada coração,
Que loucamente ama para nunca se separar;
E mais uma coisa te peço!
Se alguém estiver enamorado,
E em meu auxílio puser seu amor,
Ao seu chamado virei depressa.

14 Assim aconteceu que a bela deusa se amou com Endamone como se estivessem acordados (mas comungando em sonhos). E assim é até hoje: quem quiser amar aquele ou aquela que dorme deve recorrer à bela Tana, e assim fazendo terá êxito.

15 Esta lenda, embora concorde em muitos pormenores com o mito clássico, está estranhamente entremeada de práticas de feitiçaria, mas mesmo estas, se investigadas, se revelariam tão antigas quanto o resto do texto. Assim, a tripa de carneiro — usada em vez do saquinho de lã vermelha empregado na magia benéfica —, a fita vermelha e preta, que mistura fios de alegria e de dor, a pena (de pavão) ou la penna maligna, a pimenta e o sal, ocorrem em muitos outros encantamentos, mas sempre para trazer o mal e causar sofrimento.

16 Nunca vi isto observado, mas é verdade, que Keats, em seu primoroso poema Endymion, se afasta por completo ou ignora todo o espírito e sentido do mito antigo, ao passo que nesta rude canção de bruxa ele é minuciosamente desenvolvido. A concepção é a de um belo jovem beijado furtivamente em seu sono por Diana, de reputada castidade.

16.2 O mito antigo é, para começar, um mito de trevas e luz, ou de dia e noite, dos quais nascem as cinquenta e uma (hoje cinquenta e duas) semanas do ano. Esta é Diana, a noite, e Apolo, o sol, ou a luz sob outra forma.

16.3 Exprime-se como amor durante o sono, o que, quando ocorre na vida real, tem geralmente por agente ativo alguém que, sem ser absolutamente recatado, deseja manter as aparências. O caráter estabelecido de Diana entre os Iniciados (pelo qual foi amargamente vilipendiada pelos Padres da Igreja) era o de uma bela hipócrita que levava seus amores em silencioso segredo.

17 "Assim como a lua, Endimião deitou-se com ela,
E também Hipólito e Vírbio."

18 (Sobre o que o leitor pode consultar Tertuliano, De Falsa Religione, lib. ii. cap. 17, e Pico della Mirandola, La Strega.)

19 Mas há uma ideia ou ideal primorosamente sutil e delicadamente estranho na concepção da lua aparentemente casta, a "clara e fria lua", lançando às escondidas sua luz viva nos recessos ocultos da escuridão e agindo nos mistérios ocultos do amor ou dos sonhos.

19.2 Assim pareceu a Byron um pensamento original que o sol não brilha sobre metade dos atos proibidos que a lua testemunha, e isto é enfatizado no poema italiano de bruxa. Nele a lua é claramente invocada como

protetora de um amor estranho e secreto, e como a divindade a ser especialmente invocada para tais amores.

19.3 Quem invoca diz que a janela está aberta para que a lua brilhe esplendidamente sobre o leito, assim como nosso amor é luminoso e belo... e rogo-lhe que nos dê grande arrebatamento — sfogo.

20 A luz trêmula e misteriosamente bela da lua, que parece lançar um espírito de inteligência ou emoção sobre a Natureza silenciosa e meio despertá-la vagamente — erguendo sombras em pensamentos e fazendo cada árvore e rochedo assumir a semelhança de uma forma viva, mas uma que, embora cintilando e respirando, ainda dorme num sonho —, não podia escapar aos gregos, e eles a exprimiram como Diana abraçando Endimião.

20.2 Mas como a noite é o tempo sagrado do segredo, e como a verdadeira Diana dos Mistérios era a Rainha da Noite, que trazia a lua crescente, e senhora de todas as coisas ocultas, inclusive dos "doces pecados secretos e amadas iniquidades", ligava-se a este mito muito mais do que se vê à primeira vista.

20.3 E na exata medida em que se cria que Diana era a Rainha das bruxas emancipadas e da Noite, ou a própria Vênus-Astarte noturna, nessa medida o amor pelo Endimião adormecido seria entendido como sensual, mas sagrado e alegórico.

20.4 E é completamente neste sentido que as bruxas da Itália, que podem reivindicar com algum direito serem suas verdadeiras herdeiras, preservaram e entenderam o mito.

21 É a realização do amor proibido ou secreto, com a atração pelo vagamente entrevisto, belo ao luar, com o encanto feérico ou bruxesco do sobrenatural — um romance todo reunido numa única forma estranha —, o fei-

tiço da Noite!

22 "Há um silêncio perigoso naquela hora,
Uma quietude que deixa espaço para que a alma plena
Se abra inteira, sem o poder
De recobrar por completo o seu domínio;
A luz de prata que, santificando árvore e torre,
Derrama beleza e funda suavidade sobre tudo,
Sopra também ao coração, e sobre ele lança
Um langor amoroso que não é repouso."

23 Isto é o que significa o mito de Diana e Endimião. É tornar divino ou estético (o que para os gregos era uma só e mesma coisa) aquilo que é apaixonado, secreto e proibido. Era o encanto das águas roubadas que são doces, intensificado em poesia. E é notável que se tenha preservado tão estranhamente nas tradições italianas de bruxaria.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

X. MADONA DIANA

✦

1 "A Madona é essencialmente a deusa da lua."
—"Naples in the Nineties", de E. N. Rolfe.

2 Havia outrora, nos tempos muito antigos, em Cettardo Alto, uma moça de assombrosa beleza, e era noiva de um rapaz tão notável pela boa aparência quanto ela; mas, embora bem-nascidos e bem-criados, a sorte ou os infortúnios da guerra ou do destino tinham tornado ambos extremamente pobres. E se a jovem tinha um defeito, era seu grande orgulho, e não queria de bom grado casar-se senão em grande estilo, com luxo e festa, num belo vestido, com muitas damas de honra de posição.

3 E isto se tornou para a bela Rorasa — pois tal era seu nome — um tal objeto de desejo que sua cabeça ficou meio transtornada, e as outras moças de suas relações, para não falar dos muitos homens que ela recusara, zombavam dela tão amargamente, perguntando-lhe quando seria o belo casamento, com muitas outras troças e escárnios, que por fim, num momento de loucura, ela subiu ao alto de uma torre elevada, de onde se lançou; e, para piorar, havia embaixo um terrível precipício (balza), no qual ela caiu.

4 Mas não sofreu dano algum, pois enquanto caía apareceu-lhe uma mulher belíssima, verdadeiramente não da terra, que a tomou pela mão e a levou pelos ares até um lugar seguro.

5 Então toda a gente dos arredores que viu ou ouviu falar disso gritou: "Eis um milagre!", e vieram e fizeram uma grande festa, e de bom grado persuadiriam Rorasa de que fora salva pela Madona.

6 Mas a dama que a salvara, vindo a ela em segredo, disse: "Se tens algum desejo, segue o Evangelho de Diana, ou o que se chama o Evangelho das Bruxas (Il Vangelo delle Strege), que adoram a lua."

7 "Se tu adorares Luna, então
O que desejas hás de obter!"

8 Então a bela moça saiu sozinha de noite pelos campos e, ajoelhando-se sobre uma pedra numa velha ruína, adorou a lua e invocou Diana assim:—

9 Diana, bela Diana!
Tu que me salvaste de uma morte terrível
Quando caí no escuro precipício!
Rogo-te que me concedas ainda outra graça.
Dá-me um casamento glorioso, e com ele
Muitas damas de honra, belas e nobres;
E se este favor me concederes,
Fiel ao Evangelho das Bruxas serei!

10 Quando Rorasa despertou pela manhã, achou-se em outra casa, onde tudo era muito mais magnífico, e, tendo-se levantado, uma bela criada a conduziu a outro aposento, onde foi vestida com um soberbo traje nupcial de seda branca com diamantes, pois era de fato seu vestido de noiva. Então apareceram dez jovens damas, todas esplendidamente trajadas, e com elas e muitas pessoas distintas foi à igreja numa carruagem. E todas as ruas estavam cheias de música e de gente levando flores.

11 Assim ela encontrou o noivo e casou-se segundo o desejo de seu coração, dez vezes mais grandiosamente do que jamais sonhara. Então, depois da cerimônia, foi servido um banquete ao qual compareceu toda a nobreza de

Cettardo, e, além disso, a cidade inteira, ricos e pobres, foi banqueteada.

12 Terminado o casamento, as damas de honra deram cada uma um presente magnífico à noiva — uma deu diamantes, outra um pergaminho (escrito) em ouro —, e depois pediram licença para ir todas juntas à sacristia. E ali ficaram algumas horas sem ser incomodadas, até que o padre mandou seu chierico
perguntar se precisavam de alguma coisa. Mas qual não foi o espanto do rapaz ao ver, não as dez damas de honra, mas suas dez imagens ou efígies em madeira e em terracota, com a de Diana de pé sobre uma lua, e eram todas tão magnificamente feitas e adornadas que tinham imenso valor.

13 Por isso o padre pôs essas imagens na igreja, que é a mais antiga de Cettardo, e hoje em muitas igrejas se pode ver a Madona e a Lua, mas é Diana — la Dea della Luna. O nome Rorasa parece indicar o latim ros, o orvalho, rorare, orvalhar, rorulenta, orvalhada — de fato, a deusa do orvalho.

13.2 Sua grande queda e o ser erguida por Diana sugerem a queda do orvalho à noite e sua subida em vapor sob a influência da lua. É possível que este seja um conto mítico latino muito antigo. A seda branca e os diamantes indicam o orvalho.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XI. A CASA DO VENTO

✦

1 “Escuta o uivo e o assobio dos ventos,
Seu zumbido oco quando chegam rugindo,
Pois a força tem muitas vozes, e quando despertada
A tempestade em voo chama com terrível alegria
E ecoa ao bater na encosta da montanha,
E então estronda na floresta. Ouve o grito!
Certo um deus soltou seus leões
E ri ao ouvi-los enfurecer-se ao longe.”
—C. G. Leland.

2 A história seguinte não pertence ao Evangelho das Bruxas, mas a acrescento porque confirma o fato de que o culto de Diana existiu por longo tempo contemporaneamente ao cristianismo. Seu título completo no manuscrito original, que foi escrito por Maddalena depois de ouvi-la de um homem natural de Volterra, é La Pellegrina della Casa al Vento — “A Peregrina da Casa do Vento”. Pode-se acrescentar que, como declara o conto, a casa em questão ainda está de pé.

3 Há uma casa de camponês no começo da colina ou subida que leva a Volterra, e chama-se a Casa do Vento. Perto dela havia outrora um pequeno palácio, onde morava um casal que tinha uma única filha, a quem adoravam. Na verdade, se a menina tinha uma simples dor de cabeça, cada um deles tinha um ataque pior de medo.

4 Pouco a pouco a menina foi crescendo, e todo o pensamento da mãe, que era muito devota, era que ela se tornasse freira. Mas a moça não gostava disso e declarou que esperava casar-se como as outras.

4.2 E, olhando um dia de sua janela, viu e ouviu os pássaros cantando nas videiras e entre as árvores tão alegremente que disse à mãe que esperava um dia ter uma família de passarinhos seus, cantando ao seu redor num ninho alegre. Com o que a mãe ficou tão zangada que deu um tabefe na filha.

4.3 E a jovem chorou, mas respondeu com brio que, se apanhasse ou fosse tratada de tal maneira, certamente logo acharia algum meio de fugir e casar-se, pois não tinha a menor intenção de ser feita freira contra a vontade.

5 Ao ouvir isto a mãe assustou-se seriamente, pois conhecia o gênio da filha, e temia que a moça já tivesse um namorado e fizesse um grande escândalo por causa do tabefe; e, revirando tudo na cabeça, lembrou-se de uma senhora idosa de boa família, mas muito empobrecida, famosa por sua inteligência, saber e poder de persuasão, e pensou: "Esta será exatamente a pessoa para induzir minha filha a ser piedosa, encher-lhe a cabeça de devoção e fazer dela uma freira." Assim mandou chamar essa pessoa hábil, que logo foi nomeada governanta e acompanhante constante da jovem, a qual, em vez de brigar com sua guardiã, afeiçoou-se a ela.

6 Porém, nem tudo neste mundo sai exatamente como queremos, e ninguém sabe que peixe ou caranguejo pode esconder-se debaixo de uma pedra no rio. Pois aconteceu que a governanta não era católica de modo algum, como logo se verá, e não afligia a pupila com nenhuma ameaça de vida de freira, nem sequer com uma aprovação dela.

7 Sucedeu que a jovem, que costumava ficar acordada nas noites de luar para ouvir os rouxinóis cantarem, pensou ouvir sua governanta no quarto ao lado, cuja porta estava aberta, levantar-se e sair para o grande balcão. Na noite seguinte aconteceu o mesmo e, levantando-se muito de mansinho e sem ser vista, viu a senhora rezando, ou ao menos ajoelhada ao luar, o que lhe pareceu conduta muito singular, tanto mais porque a senhora ajoelhada pronunciava palavras que a mais jovem não conseguia entender, e que certamente não faziam parte do ofício da Igreja.

8 E, muito inquieta com o estranho acontecimento, por fim, com tímidas desculpas, contou à governanta o que tinha visto. Então esta, depois de refletir um pouco, obrigando-a primeiro a um segredo de vida e morte, pois, como declarou, era assunto de grande perigo, falou assim:—

9 "Eu, como tu, fui instruída quando jovem pelos padres a adorar um deus invisível. Mas uma velha em quem eu tinha grande confiança disse-me certa vez: 'Por que adorar uma divindade que não podes ver, quando aí está a Lua em todo o seu esplendor, visível? Adora-a. Invoca Diana, a deusa da Lua, e ela atenderá tuas preces.' Isto farás tu, obedecendo ao Vangelo, o Evangelho (das Bruxas e) de Diana, que é Rainha das Fadas e da Lua."

10 Ora, a jovem, persuadida, converteu-se ao culto de Diana e da Lua e, tendo rezado de todo o coração por um amante (tendo aprendido a conjuração à deusa), logo foi recompensada com a atenção e a devoção de um cavaleiro valente e rico, que era de fato um pretendente tão admirável quanto alguém poderia desejar. Mas a mãe, muito mais empenhada em satisfazer sua vingança e cruel vaidade do que na felicidade da filha, enfureceu-se com isso, e quando o cavalheiro veio ter com ela, mandou-o embora, pois sua filha estava votada a ser freira, e freira havia de ser ou morrer.

11 Então a jovem foi encerrada numa cela de uma torre, sem sequer a companhia da governanta, e submetida a duras e fortes penas, sendo obrigada a dormir no chão de pedra, e teria morrido de fome se a mãe fizesse sua vontade.

12 Então, nessa extrema necessidade, rezou a Diana que a libertasse; e eis que achou a porta da prisão destrancada e fugiu facilmente. Então, tendo obtido um traje de peregrina, viajou por toda parte, ensinando e pregando a religião dos tempos antigos, a religião de Diana, Rainha das Fadas e da Lua, deusa dos pobres e dos oprimidos.

13 E a fama de sua sabedoria e beleza espalhou-se por toda a terra, e o povo a venerava, chamando-a La Bella Pellegrina. Por fim sua mãe, ouvindo falar dela, ficou mais furiosa do que nunca e, enfim, depois de muito trabalho, conseguiu que fosse de novo presa e lançada no cárcere. E então, de péssimo humor, perguntou-lhe se queria ser freira; ao que ela respondeu que não era possível, porque deixara a Igreja Católica e se tornara adoradora de Diana e da Lua.

14 E o fim foi que a mãe, considerando a filha perdida, entregou-a aos padres para ser torturada e morta, como faziam com todos os que não concordavam com eles ou que deixavam sua religião.

15 Mas o povo não ficou contente com isso, porque adorava sua beleza e bondade, e poucos havia que não tivessem gozado de sua caridade.

16 Mas com a ajuda de seu amante ela obteve, como última graça, que na noite antes de ser torturada e executada pudesse, com uma guarda, sair ao jardim do palácio e rezar.

17 Assim fez, e, de pé junto à porta da casa, que ainda está lá, rezou à luz da lua cheia a Diana, para que fosse livrada da terrível perseguição a que fora submetida, pois até seus próprios pais a tinham entregado de bom grado a uma morte horrível.

18 Ora, seus pais e os padres, e todos os que buscavam sua morte, estavam no palácio vigiando para que ela não escapasse.

19 E eis que, em resposta à sua prece, veio uma tempestade terrível e um vento avassalador, uma tormenta como homem jamais vira, que derrubou e varreu o palácio com todos os que nele estavam; não ficou pedra sobre pedra, nem uma alma viva de todos os que ali estavam. Os deuses tinham respondido à prece.

20 A jovem escapou felizmente com seu amante, casou-se com ele, e a casa do camponês onde a dama esteve ainda se chama La Casa al Vento, ou a Casa do Vento.

21 Esta é muito fielmente a história tal como a recebi, mas admito francamente que condensei muito a linguagem do texto original, que tem vinte páginas e que, quanto a enchimento desnecessário, indica no narrador capacidade para escrever um romance moderno da moda comum, até mesmo um francês de segunda categoria, o que é dizer muito.

21.2 É verdade que não há nele descrições detalhadas de paisagens, céus, árvores ou nuvens — e muito se poderia fazer de Volterra nesse sentido —, mas é prolongado de um modo que mostra dom para isso.

21.3 Porém, a narrativa em si é estranhamente original e vigorosa, pois é uma tal relíquia de puro paganismo clássico, e uma tal sobrevivência da fé na velha mitologia, que todo o helenismo refletido e de segunda mão dos

Estetas não pode igualar.

21.4 Que um verdadeiro culto ou crença nas divindades clássicas tenha sobrevivido até hoje na própria terra do Papado é fato muito mais curioso do que se um mamute vivo tivesse sido descoberto em algum canto remoto da terra, porque aquele é um fenômeno humano.

21.5 Prevejo que virá o dia, e talvez não tão distante, em que o mundo dos estudiosos se assombrará ao considerar até que época tardia sobreviveu no norte da Itália um imenso corpo de tradição antiga, e quão indiferentes a ele foram os eruditos; não tendo havido, em verdade, senão um único homem, e este estrangeiro, que se ocupou seriamente em recolhê-lo e preservá-lo.

22 É muito provável que tenha havido tantos episódios comoventes entre os mártires pagãos que foram forçados a abandonar suas amadas divindades, como Diana, Vênus, as Graças e outras, adoradas pela beleza, quanto houve mesmo entre os cristãos lançados aos leões.

22.2 Pois os pagãos amavam seus deuses com uma simpatia humana e pessoal, sem misticismo nem medo, como se fossem parentes de sangue; e havia muitos entre eles que realmente acreditavam que assim era quando alguma donzela que dera um faux pas se livrava atribuindo tudo a algum deus, fauno ou sátiro; o que é muito comovente.

22.3 Há muito a dizer a favor assim como contra os idólatras, ou adoradores de bonecas, como ouvi uma menininha defini-los.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XII. TANA, A DEUSA DA LUA

✦

1 A história seguinte, que apareceu originalmente nas Legends of Florence, recolhidas por mim junto ao povo, não pertence propriamente ao Evangelho da Bruxa, pois não está estritamente de acordo com ele; e porém não podia bem ser omitida, já que trata do mesmo assunto. Nela Diana aparece simplesmente como a deusa lunar da castidade, portanto não como bruxa.

1.2 Foi-me dada como Fana, mas minha informante disse que poderia ser Tana; não tinha certeza. Como Tana ocorre em outro conto, e como o assunto é certamente Diana, dificilmente pode haver dúvida a respeito.

2 Tana, la Dea della Luna.

3 Tana era uma moça muito bela, mas extremamente pobre, e tão modesta e pura quanto era bela e humilde. Ia de um contadino a outro, ou de sítio em sítio, para trabalhar, e assim levava uma vida honesta.

4 Havia um jovem rústico, sujeito muito feio, bestial e brutal, que a seu modo ardia de amor por ela, mas ela não suportava sequer olhá-lo e repelia todas as suas investidas.

5 Mas certa noite, tarde, quando ela voltava sozinha da casa da fazenda onde trabalhara para sua casa, esse homem, que se escondera numa moita, saltou sobre ela e gritou: “Non mi sfuggerai; sara mia!” — “Não podes fugir; minha hás de ser!”

6 E, não vendo socorro por perto, e só a lua cheia olhando-a do céu, Tana, desesperada, lançou-se de joelhos e clamou a ela:—

7 “Não tenho ninguém na terra que me defenda,
Só tu me vês neste aperto;
Por isso rogo a ti, ó Lua!
Assim como és bela, és luminosa,
Lançando teu esplendor sobre toda a humanidade;
Assim te rogo, ilumina a mente
Deste pobre rufião, que aqui quer me ofender,
Até o pior. Lança luz em sua alma,
Para que me deixe em paz, e então
Volta com toda a tua luz à minha casa!”

8 Dito isto, apareceu diante dela uma forma luminosa mas sombria — una ombra bianca —, que disse:—

9 “Levanta-te e vai para casa!
Bem mereceste esta graça;
Ninguém mais te perturbará,
A mais pura de toda a terra!
Tu serás uma deusa,
A Deusa da Lua,
Rainha de todo encantamento!”

10 Assim aconteceu que Tana se tornou a dea ou espírito da Lua.

11 Embora a melodia esteja em outro tom, este é um poema de pura melodia, e o mesmo que “Goody Blake and Harry Gill”, de Wordsworth. Tanto Tana quanto a velha senhora são surpreendidas e aterrorizadas; ambas rezam a um poder lá no alto:—

12 "A fria, fria lua sobre sua cabeça,
Assim de joelhos rezou a velha Goody;
O jovem Harry ouviu o que ela disse,
E gelado de frio se afastou."

13 O centro dramático é exatamente o mesmo em ambos. A balada inglesa converte-o sobriamente num incurável acesso de sezão infligido a um jovem rústico avarento; a poetisa-bruxa italiana, com mais fino senso, ou com mais simpatia pela heroína, põe o bruto de lado sem mais menção e apoteosa a donzela, identificando-a com a Lua. O primeiro é mais prático e provável; o segundo, mais poético.

14 E aqui vale a pena, apesar da digressão, observar que imensa maioria há de pessoas que conseguem perceber, sentir e apreciar a poesia em meras palavras ou forma — isto é, objetivamente — e mal a conhecem ou notam quando é apresentada subjetivamente ou como pensamento, sem ser posta em alguma espécie de verso ou metro, ou forma regulada.

14.2 É uma experiência curiosa e digna de estudo. Tomai uma passagem de algum poeta famoso; escrevei-a em prosa pura e simples, fazendo plena justiça a seu sentido real, e se ainda assim de fato arrebata ou comove como poesia, então é de primeira ordem.

14.3 Mas se perdeu absolutamente seu encanto, é de segunda ou inferior; pois o melhor não pode ser feito de meras palavras envernizadas de associações, sejam de pensamento ou de sentimento.

15 Isto não está tão longe do assunto quanto se poderia julgar. Lendo-as e sentindo-as subjetivamente, muitas vezes me impressiona o fato de que nestas tradições de bruxaria que recolhi há uma maravilhosa poesia de pen-

samento, que supera de longe os esforços de muitos bardos modernos, e que só requer o auxílio de algum hábil artífice de palavras para assumir o mais alto posto.

15.2 Uma prova do que afirmei pode ser achada no fato de que, em poemas tão famosos como The Finding of the Lyre, de James Russell Lowell, e o da invenção da flauta por Pã, da Sra. Browning, aquilo que formava a parte mais primorosa e refinada dos mitos originais é omitido por ambos os autores, simplesmente porque não o perceberam ou lhes escapou.

15.3 Pois no primeiro não nos é dito que foi o sopro do deus Ar (que era a alma inspiradora da música antiga, e a Bellaria da mitologia de bruxaria moderna) sobre o filamento seco da tartaruga que sugeriu a Hermes fazer um instrumento com o qual fez a música das esferas e guiou o curso dos planetas. Quanto à Sra.

15.4 Browning, ela deixa Sírinx inteiramente de fora, isto é, a voz da ninfa que ainda permanece na flauta que fora seu corpo. Ora, a meu ver, a velha narrativa em prosa destes mitos é muito mais profundamente poética e comovente, e muito mais inspirada de beleza e romance, do que as versões bem rimadas e medidas, mas muito imperfeitas, dadas por nossos poetas.

15.5 E de fato tal falta de inteligência ou percepção pode ser encontrada em todos os poemas "clássicos", não só de Keats, mas de quase todo poeta da época que tratou de temas gregos.

16 Grande licença se concede a pintores e poetas, mas quando tomam um tema, especialmente uma tradição profunda, e não percebem seu sentido real nem captam seu ponto, e simplesmente nos dão algo muito bonito,

mas não tão inspirado de sentido quanto o original, dificilmente se pode afirmar que fizeram seu trabalho como poderia, ou, de fato, deveria ter sido feito.

16.2 Acho que esta falha não ocorre nas versões italianas ou toscanas de bruxaria das fábulas antigas; pelo contrário, elas apreciam vivamente, e até ampliam, o espírito antigo.

16.3 Por isso muitas vezes tive ocasião de observar que não era impossível que em alguns casos a tradição popular, mesmo tal como existe hoje, tenha sido preservada mais plena e exatamente do que a encontramos em qualquer escritor latino.

17 Ora, a propósito de não captar o ponto, eu lembraria a certos leitores muito literais que, se acharem muitos erros de gramática, de ortografia e coisas piores nos textos italianos deste livro, não os atribuam todos, como fez um ilustre resenhista, à ignorância do autor, mas à educação imperfeita da pessoa que os recolheu e registrou.

17.2 Lembro-me disto por ter visto numa biblioteca circulante um exemplar de minhas Legends of Florence no qual alguma alma boa e cuidadosa se dera ao trabalho de corrigir a lápis todos os arcaísmos.

17.3 Nisso ele ou ela foi como certo revisor de Boston que, num livro meu, mudou a grafia de muitas citações de Chaucer, Spenser e outros para o mais puro, ou mais impuro, Webster, por estar convencido de que eu era extremamente ignorante em ortografia.

17.4 Quanto a escrever em livros ou danificá-los, que sempre pertencem em parte à posteridade, é pecado de vulgaridade tanto quanto de moralidade, e indica o que as pessoas são mais do que imaginam.

18 “Só um canalha tão baixo quanto um ladrão
Escreveria num livro ou dobraria uma folha,
Pois é roubo, como bem se sabe,
Dispor livremente do que não é nosso.”

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XIII. DIANA E AS CRIANÇAS

✦

1 “E então Diana veio a aparecer
Com o arco na mão, tal qual uma caçadora,
E disse: ‘Filha, cessa tua tristeza!’
E partiu e desvaneceu-se.”
—Chaucer (C.T.), “The Knight's Tale”.

2 Havia em Florença, nos tempos mais antigos, uma família nobre, mas tão empobrecida que seus giorni di festa, ou dias de festa, eram poucos e raros. Contudo, moravam em seu velho palácio (que ficava na rua hoje chamada La Via Cittadella), que era um belo edifício antigo, e assim mantinham boa aparência diante do mundo, quando muitos dias mal tinham o que comer.

3 Em volta desse palácio havia um grande jardim, no qual se erguia uma antiga estátua de mármore de Diana, como uma bela mulher que parecia correr com um cão ao lado. Segurava na mão um arco, e na fronte tinha uma pequena lua. E dizia-se que à noite, quando tudo estava quieto, a estátua ganhava vida e fugia, e não voltava até a lua se pôr ou o sol nascer.

4 O pai da família tinha dois filhos, que eram bons e inteligentes. Um dia voltaram para casa com muitas flores que lhes tinham sido dadas, e a menina disse ao irmão:—

5 “A bela senhora do arco devia ganhar algumas destas!”

6 Dizendo isto, puseram flores diante da estátua e fizeram uma grinalda que o menino lhe colocou na cabeça.

7 Justo então o grande poeta e mago Virgílio, que sabia tudo sobre os deuses e as fadas, entrou no jardim e disse, sorrindo:—

8 "Fizestes a oferenda de flores à deusa muito corretamente, como se fazia antigamente; só falta pronunciar a prece como se deve, e ela é esta:"

9 Então ele recitou a

10 A Diana.

11 Bela Deusa do arco!
Bela Deusa das flechas!
De todos os cães e de toda a caça
Tu que velas no céu estrelado
Quando o sol está mergulhado no sono
Tu com a lua sobre a fronte,
Que a caça noturna preferes
À caçada à luz do dia,
Com tuas ninfas ao som
Da trompa — tu mesma a caçadora,
E poderosíssima: rogo-te
Pensa, ainda que só por um instante,
Em nós que te rogamos!

12 Então Virgílio ensinou-lhes também a Scongiurazione, ou feitiço a ser pronunciado quando se requer especialmente boa sorte ou qualquer outra coisa.

13 A conjuração a Diana.

14 Bela deusa do arco-íris,
Das estrelas e da lua!
A rainha poderosíssima
Dos caçadores e da noite!
Rogamos-te teu auxílio,
Para que nos dês
A melhor sorte sempre!

15 Então acrescentou a conclusão:—

16 Se atenderes nossa evocação
E quiseres dar-nos boa sorte,
Dá-nos então como prova um sinal!

17 E, tendo-lhes ensinado isto, Virgílio partiu.

18 Então as crianças correram a contar aos pais tudo o que acontecera, e estes lhes recomendaram guardar segredo, sem soprar palavra ou indício a ninguém. Mas qual não foi seu espanto quando acharam, cedo na manhã seguinte, diante da estátua, um cervo recém-abatido, que lhes deu bons jantares por muitos dias; e daí em diante nunca lhes faltou caça de toda espécie, sempre que a prece era devotamente pronunciada.

19 Havia um vizinho dessa família, um padre, que odiava todos os costumes e o culto dos deuses dos tempos antigos, e tudo o que não pertencesse à sua religião, e ele, passando um dia pelo jardim, viu a estátua de Diana coroada de rosas e (outras) flores. E, enfurecido, vendo na rua um repolho podre, rolou-o na lama e atirou-o todo pingando no rosto da deusa, dizendo: —

20 Eis aí, vil besta da idolatria,
Este é o culto que recebes de mim,
E o diabo faça o resto por ti!

21 Então o padre ouviu uma voz na penumbra onde as folhas eram densas, e ela disse:—

22 Está bem! Eu te previno,
Já que fizeste tua oferenda,
Um pouco da caça te trarei;
Terás tua parte pela manhã.

23 Toda aquela noite o padre sofreu sonhos horríveis e pavor, e quando por fim, pouco antes das três horas, adormeceu, despertou subitamente de um pesadelo em que lhe parecia que algo pesado repousava sobre seu peito. E de fato algo caiu de cima dele e rolou pelo chão. E quando se levantou e o apanhou, e o olhou à luz da lua, viu que era uma cabeça humana, meio decomposta.

24 Outro padre, que ouvira seu grito de terror, entrou em seu quarto e, tendo olhado a cabeça, disse:—

25 "Conheço este rosto! É de um homem que confessei, e que foi decapitado há três meses em Siena."

26 E três dias depois o padre que insultara a deusa morreu.

27 O conto precedente não me foi dado como pertencente ao Evangelho das Bruxas, mas como um de uma série muito grande de tradições relativas a Virgílio como mago. Mas tem seu lugar próprio neste livro, porque con-

tém a invocação e o encantamento de Diana, notavelmente belos e originais.

27.2 Quando lembramos como estes "hinos" foram transmitidos ou preservados por velhas, e sem dúvida muito truncados, alterados e deformados pela transmissão, não pode deixar de parecer maravilhoso que tanta beleza clássica ainda permaneça neles, como, por exemplo, em

28 "Bela deusa do arco!
Bela deusa da flecha!
Tu que caminhas no céu estrelado!"

29 Robert Browning foi um grande poeta, mas, se compararmos todos os poemas italianos de bruxaria de Diana e a Diana com o muito admirado discurso de Diana-Ártemis daquele, os críticos imparciais certamente admitirão que os feitiços são plenamente iguais ao seguinte, do bardo—

30 "Sou uma deusa das cortes ambrosíacas,
E, salvo por Hera, Rainha do Orgulho, não superada
Por nenhuma cujos templos branqueiam este mundo:
Pelo Céu faço rolar minha lúcida lua,
Derramo no Inferno paz sobre meu pálido povo,
Na Terra, cuidando das criaturas, guardo
Cada loba fulva prenhe e raposa lustrosa,
E a ninhada implume de toda mãe emplumada,
E tudo o que ama os verdes refúgios e a solidão."

31 Isto é bonito, mas é apenas imitação, e nem na forma nem no espírito realmente igual aos encantamentos, que são sinceros na fé. E pode-se aqui observar com pesar, mas com toda a verdade, que num número muito

grande de tratamentos poéticos modernos de temas míticos clássicos os escritores, apesar de todo o seu gênio como artistas, produziram obra rococó que assim parecerá a outra geração, simplesmente por não terem captado o ponto, ou terem omitido por ignorância algo vital que o folclorista provavelmente não teria perdido.

31.2 Aquiles pode ser admiravelmente desenhado, como já o vi, com uma peruca Luís XIV e uma cimitarra turca, mas ainda assim se desejaria que o desenhista estivesse um pouco mais familiarizado com as vestes e armas gregas.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XIV. OS MENSAGEIROS DUENDES DE DIANA E MERCÚRIO

✦

1 O conto seguinte não me foi dado como ligado ao Evangelho das Bruxas, mas, como Diana aparece nele, e como toda a concepção é a de Diana e Apolo sob outra forma, incluo-o na série.

2 Há muitos séculos havia um folletto, duende, ou espírito, ou anjo-diabo — chi sa? —, quem sabe o quê?, e Mercúrio, que era o deus da velocidade e da presteza, muito satisfeito com esse diabrete, concedeu-lhe o dom de correr como o vento, com o privilégio de que o que quer que perseguisse, fosse espírito, ser humano ou animal, certamente o alcançaria ou apanharia.

3 Esse folletto tinha uma bela irmã que, como ele, levava recados, não para os deuses, mas para as deusas (havia um deus feminino para cada masculino, até os pequenos espíritos); e Diana, no mesmo dia, deu a essa fada o poder de que, quem quer que a perseguisse, ela, se perseguida, jamais seria alcançada.

4 Um dia o irmão viu a irmã passando veloz como um relâmpago pelo céu, e sentiu um súbito e estranho desejo de alcançá-la por rivalidade. Então lançou-se atrás dela enquanto ela voava; mas, embora fosse seu destino apanhar, ela fora fadada a nunca ser apanhada, e assim a vontade de um deus supremo era contrabalançada pela de outro.

5 Assim os dois continuaram voando em volta da orla do céu, e a princípio todos os deuses rugiram de rir, mas quando entenderam o caso ficaram sérios e perguntaram uns aos outros como aquilo havia de terminar.

6 Então o grande deus-pai disse:—

7 “Eis a terra, que está em trevas e escuridão! Transformarei a irmã numa lua e o irmão num sol. E assim ela sempre lhe escapará, porém ele sempre a apanhará com sua luz, que cairá sobre ela de longe; pois os raios do sol são suas mãos, que se estendem com ardente aperto, mas que sempre são evitadas.”

8 E assim se diz que esta corrida recomeça no primeiro dia de cada mês, quando a lua, estando fria, está coberta de tantas camadas quanto uma cebola. Mas enquanto se corre a corrida, à medida que a lua se aquece, vai tirando uma roupa após outra, até ficar nua e então parar, e depois, quando vestida, a corrida recomeça.

9 Assim como a vasta nuvem de tempestade cai em gotas cintilantes, assim também os grandes mitos dos tempos antigos se partem em pequenos contos de fadas, e assim como essas gotas por sua vez se reúnem

10 “En rivière ou sur l'estang,”

11 (“Em lago silencioso ou riacho solitário,”)

12 como diz Villon, assim também mitos menores se formam de novo das águas caídas. Nesta história temos claramente o cão feito por Vulcano e o lobo — Júpiter resolveu a questão petrificando-os —, como se pode ler no quinto livro de Júlio Pólux, ou em qualquer outro de mitologia. Is canis fuit postea à Jove in lapidem conversus.

13 “O qual cão de caça, como bem se sabe,
Foi por Júpiter mudado em pedra.”

14 É notável que nesta história a lua seja comparada a uma cebola. "A cebola", diz Friedrich (Symbolik der Natur, p. 348), "era, por causa de suas muitas camadas, entre os egípcios o emblema e hieróglifo da lua multiforme, cujas diferentes fases se veem tão claramente na raiz quando é cortada ao meio, e também porque seu crescimento ou diminuição corresponde ao do astro. Por isso era dedicada a Ísis, a Deusa da Lua."

14.2 E por esta razão a cebola era tão sagrada que se considerava ter em si algo de divindade; razão pela qual Juvenal observa que os egípcios eram um povo feliz por terem deuses crescendo em suas hortas.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XV. LAVERNA

✦

1 O conto muito curioso que se segue, com sua encantação, não estava no texto do Vangelo, mas pertence com toda evidência ao ciclo ou série de lendas ligadas a ele. Diana é declarada protetora de todos os marginalizados, daqueles para quem a noite é o dia, e por conseguinte dos ladrões; e Laverna, como podemos saber por Horácio (Epístolas, 16, 1) e por Plauto, era por excelência a padroeira do furto e de toda velhacaria. Nesta história ela aparece também como bruxa e humorista.

2 Foi-me dado como uma tradição de Virgílio, que aparece muitas vezes como alguém familiarizado com o saber maravilhoso e oculto dos tempos antigos.

3 Aconteceu certa vez que Virgílio, que conhecia todas as coisas ocultas ou mágicas, ele que era mago e poeta, tendo ouvido um discurso (ou oração) de um famoso falador que não tinha muito dentro de si, foi indagado sobre o que achara dele. E respondeu:—

4 "Parece-me impossível dizer se foi todo introdução ou todo conclusão; certamente não havia corpo nele. Era como certos peixes de que se duvida se são todo cabeça ou todo cauda, ou só cabeça e cauda; ou como a deusa Laverna, de quem ninguém jamais soube se era toda cabeça ou toda corpo, ou nenhum dos dois, ou ambos."

5 Então o imperador perguntou quem seria essa divindade, pois nunca ouvira falar dela.

6 E Virgílio respondeu:—

7 “Entre os deuses ou espíritos que existiram nos tempos antigos — que nos sejam sempre favoráveis! — entre eles (havia) uma mulher que era a mais astuta e a mais velhaca de todos. Chamava-se Laverna. Era ladra, e muito pouco conhecida das outras divindades, que eram honestas e dignas, pois raramente estava no céu ou no país das fadas.

8 “Estava quase sempre na terra, entre ladrões, batedores de carteira e alcoviteiros — vivia nas trevas.

9 “Certa vez aconteceu que ela foi (ter com um mortal), um grande sacerdote, sob a forma e o aspecto de uma sacerdotisa (de alguma deusa) muito bela e majestosa, e lhe disse:—

10 “‘Tens uma propriedade que desejo comprar. Pretendo construir nela um templo ao (nosso) Deus. Juro-te pelo meu corpo que te pagarei dentro de um ano.’

11 “Então o sacerdote lhe transferiu a propriedade.

12 “E muito depressa Laverna vendeu todas as colheitas, o trigo, o gado, a lenha e as aves. Não restou o valor de quatro vinténs.

13 ‘Mas no dia marcado para o pagamento não havia Laverna à vista. A bela deusa estava longe, e deixara seu credor in asso — a ver navios!

14 “Ao mesmo tempo Laverna foi ter com um grande senhor e comprou dele um castelo, bem mobiliado por dentro e com vastas e ricas terras por fora.

15 “Mas desta vez jurou pela sua cabeça pagar tudo em seis meses.

16 “E assim como fizera com o sacerdote, agiu com o senhor do castelo, e roubou e vendeu cada graveto, móveis, gado, homens e ratos — não restou com que alimentar uma mosca.

17 “Então o sacerdote e o senhor, descobrindo quem era ela, apelaram aos deuses, queixando-se de que tinham sido roubados por uma deusa.

18 “E logo se soube entre todos que se tratava de Laverna.

19 “Por isso ela foi chamada a julgamento diante de todos os deuses.

20 “E quando lhe perguntaram o que fizera com os bens do sacerdote, a quem jurara pelo seu corpo pagar no prazo marcado (e por que quebrara o juramento),

21 “ela respondeu com um feito estranho que a todos assombrou, pois fez desaparecer o corpo, de modo que só a cabeça ficou visível, e esta gritou:—

22 “‘Eis-me aqui! Jurei pelo meu corpo, mas corpo não tenho nenhum!’

23 “Então todos os deuses riram.

24 “Depois do sacerdote veio o senhor que também fora enganado, e a quem ela jurara pela cabeça. E em resposta a ele Laverna mostrou a todos os presentes o corpo inteiro, sem rodeios, e era de extrema beleza, mas sem cabeça; e do pescoço saiu uma voz que disse:—

25 ‘Eis-me aqui, pois sou Laverna, que
Vim responder à queixa desse senhor,
Que jura que contraí com ele uma dívida
E não paguei, embora o prazo tenha passado,
E que sou ladra porque jurei

Pela minha cabeça — mas, como todos veem,
Não tenho cabeça alguma, e por conseguinte
Decerto nunca fiz tal juramento.'

26 "Então houve de fato uma tempestade de risos entre os deuses, que resolveram a questão ordenando que a cabeça se juntasse ao corpo e mandando Laverna pagar suas dívidas, o que ela fez.

27 "Então Júpiter falou e disse:—

28 "Eis aqui uma deusa velhaca sem ofício (ou sem adorador), enquanto há em Roma inúmeros ladrões, trapaceiros, embusteiros e patifes — ladri, bindolini, truffatori e scrocconi — que vivem do engano.

29 "'Essa boa gente não tem nem igreja nem deus, e é uma grande pena, pois até os próprios demônios têm seu senhor, Satanás, como chefe da família. Portanto, ordeno que de agora em diante Laverna seja a deusa de todos os velhacos ou comerciantes desonestos, com todo o lixo e refugo da raça humana, que até agora estiveram sem deus nem diabo, por serem desprezíveis demais para um ou para outro.'

30 "E assim Laverna se tornou a deusa de todas as pessoas desonestas e mesquinhas.

31 "Sempre que alguém planejava ou pretendia alguma velhacaria ou qualquer maldade, entrava no templo dela e invocava Laverna, que lhe aparecia como uma cabeça de mulher. Mas se fizesse mal ou desajeitadamente seu trabalho de velhacaria, ao invocá-la de novo via só o corpo; porém, se fosse hábil, contemplava a deusa inteira, cabeça e corpo.

32 “Laverna não era mais casta do que honesta, e teve muitos amantes e muitos filhos. Dizia-se que, não sendo má de coração nem cruel, muitas vezes se arrependia de sua vida e de seus pecados; mas, por mais que fizesse, não conseguia se emendar, porque suas paixões eram inveteradas demais.

33 “E se um homem tinha engravidado alguma mulher, ou alguma moça se via enceinte e queria esconder isso do mundo e escapar ao escândalo, iam todos os dias invocar Laverna.

34 “Então, quando chegava a hora de a suplicante dar à luz, Laverna a levava adormecida durante a noite ao seu templo, e depois do parto a lançava de novo no sono e a levava de volta à sua cama em casa. E quando ela acordava pela manhã, estava sempre com saúde vigorosa e não sentia cansaço algum, e tudo lhe parecia um sonho.

35 “Mas com aquelas que desejavam com o tempo reaver seus filhos, Laverna era indulgente, se levassem uma vida que lhe agradasse e a adorassem fielmente.

36 “E esta é a cerimônia a ser realizada e a encantação a ser oferecida todas as noites a Laverna.

37 “É preciso haver um lugar fixo consagrado à deusa, seja um quarto, um porão ou um bosque, mas sempre um lugar solitário.

38 “Então toma uma mesinha do tamanho de quarenta cartas de baralho postas bem juntas, e ela deve ficar escondida no mesmo lugar, e indo lá à noite...

39 “Toma quarenta cartas e espalha-as sobre a mesa, fazendo delas um tapete ou cobertura cerrada sobre ela.

40 "Toma das ervas paura e concordia e ferve as duas juntas, repetindo enquanto isso o seguinte:—

41 Encantação.

42 Fervo o ramalhete de concordia
Para manter em concórdia e em paz comigo
Laverna, para que ela me devolva
Meu filho, e que com seu cuidado favorável
Me guarde bem do perigo toda a vida!
Fervo esta erva, mas não é ela que ferve;
Fervo o medo, para que mantenha longe
Qualquer intruso, e se algum vier
(Para espiar meu rito), que seja atingido
Pelo medo e em seu terror fuja depressa!

43 Dito isso, põe as ervas fervidas numa garrafa e espalha as cartas sobre a mesa uma a uma, dizendo:—

44 Encantação.

45 Espalho agora diante de mim as quarenta cartas,
Mas não são quarenta cartas que aqui espalho,
E sim quarenta dos deuses superiores
À divindade Laverna, para que suas formas
Se tornem, cada uma e todas, vulcões ardentes,
Até que Laverna venha e traga meu filho;
E até que isso se faça, lancem todos sobre ela
Chamas ardentes de fogo, e com elas brasas incandescentes

Pelos narizes, bocas e ouvidos (até que ela ceda);
Então deixem Laverna em sua paz,
Livre para abraçar seus filhos à vontade!

46 "Laverna era a deusa romana dos ladrões, batedores de carteira, lojistas ou negociantes, plagiadores, patifes e hipócritas. Havia perto de Roma um templo num bosque aonde os salteadores iam repartir o saque. Havia ali uma estátua da deusa. Sua imagem, segundo alguns, era uma cabeça sem corpo; segundo outros, um corpo sem cabeça; mas o epíteto de 'bela' que Horácio lhe aplica indica que aquela que dava disfarces a seus adoradores guardara um para si."

46.2 Era adorada em perfeito silêncio. Isso é confirmado por uma passagem de Horácio (Epist. 16, lib. 1), em que um impostor, mal ousando mover os lábios, repete a seguinte prece ou encantação:—

47 "Ó Deusa Laverna!
Dá-me a arte de trapacear e enganar,
De fazer os homens crerem que sou justo,
Santo e inocente! estende toda a escuridão
E profunda obscuridade sobre meus delitos!"

48 É interessante comparar esta invocação clássica, inquestionavelmente antiga, a Laverna com a que foi dada antes. A deusa era amplamente conhecida das classes baixas, e em Plauto um cozinheiro a quem roubaram os utensílios a invoca para vingá-lo.

49 Chamo atenção especial para o fato de que nesta, como em grande número de encantações de bruxas italianas, a divindade ou espírito adorado, seja a própria Diana ou Laverna, é ameaçado de tormento por um poder

mais alto até conceder o favor pedido.

49.2 Isso é bem clássico, isto é, greco-romano ou oriental, e em todas essas fontes o mago não conta com favor, ajuda ou poder concedido por Deus ou por Satanás, mas simplesmente com o que conseguiu arrancar e extorquir, por assim dizer, da natureza infinita ou da fonte primordial pela penitência e pelo estudo.

49.3 Menciono isto porque um resenhista me censurou por exagerar o grau em que o diabolismo — introduzido pela Igreja desde 1500 — falta na Itália. Mas de fato, entre a classe mais alta de bruxas, ou em suas tradições, ele quase não se encontra.

49.4 No diabolismo cristão a bruxa nunca ousa ameaçar Satanás ou Deus, nem qualquer pessoa da Trindade ou os anjos, pois todo o sistema se baseia na concepção de uma Igreja e da obediência.

50 A erva concordia provavelmente tira o nome da deusa Concórdia, que era representada segurando um ramo. Tem um grande papel na bruxaria, depois da verbena e da arruda.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

APÊNDICE: COMENTÁRIOS SOBRE OS TEXTOS PRECEDENTES

✦

1 Já no ano de 1886 eu soube que existia um manuscrito expondo as doutrinas da bruxaria italiana, e prometeram-me que, se possível, ele seria obtido para mim. Nisso fiquei por algum tempo decepcionado. Mas, tendo insistido com Maddalena, minha coletora de folclore, enquanto ela levava uma vida errante pela Toscana, para que se esforçasse por obter ou recuperar algo do gênero, recebi enfim dela, em 1º de janeiro de 1897, de Colle, Val d'Elsa, perto de Siena, o MS. intitulado Aradia, ou o Evangelho das Bruxas.

2 Ora, observe-se que todos os pontos principais que formam o enredo ou o centro deste Evangelho — como o de que Diana é Rainha das Bruxas; associada de Herodias (Aradia) em suas relações com a feitiçaria; que teve uma filha de seu irmão, o Sol (aqui Lúcifer); que como deusa lunar tem certa relação com Caim, que habita como prisioneiro na lua; e que as bruxas de outrora eram pessoas oprimidas pelos senhores feudais, vingando-se as primeiras de todos os modos e celebrando orgias a Diana, que a Igreja apresentava como culto a Satanás — tudo isso, repito, me fora contado ou escrito em fragmentos por Maddalena (para não falar de outras autoridades), tal como fora registrado por Horst ou Michelet; por isso tudo isso tem, no presente documento, importância menor.

2.2 Tudo isso eu esperava; mas o que não esperava, e o que era novo para mim, era aquela parte que é dada como prosa poética e que verti em metro ou verso. Sendo tradicional e recolhida da boca de feiticeiros, é extrema-

mente curiosa e interessante, pois nela se preservam muitas relíquias de um saber que, como se pode verificar pelos registros, nos chegou de tempos antigos.

3 Aradia é, com bastante evidência, Herodias, que era tida desde o início como associada a Diana como chefe das bruxas. Isso não derivou, a meu ver, da Herodias do Novo Testamento, mas de uma réplica anterior de Lilith, que levava o mesmo nome.

3.2 É, de fato, uma identificação ou geminação das Rainhas do Céu ariana e semítica, ou da Noite e da Feitiçaria, e pode ser que isso fosse conhecido dos primeiros criadores de mitos. Já no século VI o culto de Herodias e Diana pelas bruxas foi condenado por um Concílio da Igreja em Ancira. Pipernus e outros escritores notaram a evidente identidade de Herodias com Lilith. Ísis precedeu a ambas.

4 Diana é apresentada neste poema com muito vigor, até dramaticamente, como a deusa dos desamparados de Deus e dos ímpios, dos ladrões, das meretrizes e, com bastante verdade, dos "lacaios da lua", como Falstaff gostaria que fossem chamados.

4.2 Reconhecia-se na Roma antiga, como se reconhece na Índia moderna, que nenhum ser humano pode ser tão mau ou vil a ponto de ter perdido todo direito a alguma espécie de proteção divina, e Diana era essa protetora.

4.3 Convém observar aqui que entre todos os filósofos livres-pensadores, os párias instruídos e os boêmios literários ou de livros, sempre houve uma tendência muito pouco ortodoxa a crer que as faltas e os erros da humanidade se devem mais (se não completamente) a causas inevitáveis que não podemos evitar, como, por exemplo, a hereditariedade, o nascer selvagem,

ou pobre, ou no vício, ou para a "beatice e a virtude" em excesso, ou para a inquisição — isto é, quando estamos tão sobrecarregados de pecado inato que todo o nosso livre-arbítrio não pode nos libertar dele.

5 Foi durante a chamada Idade das Trevas, ou da queda do Império Romano até o século XIII, que surgiu a crença de que tudo o que havia de pior no homem devia sua origem unicamente aos monstruosos abusos e à tirania da Igreja e do Estado. Pois então, a cada passo da vida, a vasta maioria deparava com iniquidade e injustiça descaradas, desavergonhadas e palpáveis, sem lei para os fracos que não tinham protetores.

6 A percepção disso levou enormes multidões de descontentes à rebelião, e como não podiam prevalecer em guerra aberta, extravasaram seu ódio numa forma de anarquia secreta, que estava, contudo, intimamente mesclada com superstição e fragmentos de velha tradição.

6.2 Destacava-se nisso, e muito naturalmente, o culto de Diana, a protetora — pois a suposta adoração de Satanás foi uma invenção bem posterior da Igreja, e nunca encontrou de fato lugar de destaque na bruxaria italiana até hoje.

6.3 Quer dizer, a bruxaria puramente diabólica só obteve aceitação geral no fim do século XV, quando foi, quase se pode dizer, inventada em Roma para fornecer meios de destruir a ameaçadora heresia da Alemanha.

7 O crescimento do Sentimento é o aumento do sofrimento; o homem nunca é completamente miserável até descobrir quanto é injustiçado e imaginar que vê, muito adiante, uma liberdade possível. Nos tempos antigos os homens, como escravos, sofriam menos mesmo sob maiores abusos, porque acreditavam ter nascido para condições baixas de vida.

7.2 Mesmo a melhor reforma traz dor consigo, e o grande despertar do homem foi acompanhado de mágoas, muitas das quais ainda perduram. O pessimismo é o resultado de cultura e introversão em excesso.

8 Parece estranhamente esquecido por todos os historiadores que os sofrimentos da vasta maioria da humanidade, isto é, dos escravizados e dos pobres, foram muito maiores sob o cristianismo primitivo, ou até o fim da Idade Média e a emancipação dos servos, do que tinham sido antes.

8.2 A razão disso era que no velho tempo "pagão" os humildes não sabiam, nem sequer sonhavam, que todos são iguais perante Deus, ou que tinham muitos direitos, mesmo aqui na terra, como escravos; pois, de fato, toda a tendência moral do Novo Testamento se opõe totalmente à escravidão, ou mesmo à servidão severa.

8.3 Cada palavra pronunciada ensinando a misericórdia e o amor de Cristo, a humildade e a caridade, era, na verdade, uma censura amarga não só a todo senhor da terra, mas à própria Igreja e a seus prelados arrogantes.

8.4 O fato de muitos abusos terem sido mitigados e de haver santos benevolentes não altera o fato de que, no conjunto, a humanidade esteve por muito tempo em pior situação do que antes, e a maior causa desse sofrimento foi o que se pode chamar de sentimental, ou seja, uma consciência recém-nascida de direitos negados, que é sempre por si só uma tortura.

8.5 E isso foi muito agravado pela pregação interminável ao povo de que era um dever sofrer e suportar a opressão e a tirania, e de que os direitos da Autoridade de todo tipo eram tão grandes que, no conjunto, desculpavam até seus piores abusos. Pois, sustentando a Autoridade na nobreza, a Igreja mantinha a sua própria.

9 O resultado de tudo isso foi um vasto desenvolvimento de rebeldes, marginalizados e descontentes de toda espécie, que adotaram a bruxaria ou feitiçaria como religião e os feiticeiros como seus sacerdotes. Tinham reuniões secretas em lugares desertos, entre velhas ruínas amaldiçoadas pelos padres como antro de espíritos malignos ou de antigos deuses pagãos, ou nas montanhas.

9.2 Até hoje quem vive na Itália pode muitas vezes encontrar lugares retirados, cercados de antigas florestas de castanheiros, rochas e muros, que sugerem locais adequados para o Sabá, e que às vezes ainda são tidos como tais pela tradição. E creio também que neste Evangelho das Bruxas temos ao menos um esboço digno de confiança da doutrina e dos ritos observados nessas reuniões.

9.3 Adoravam divindades proibidas e praticavam atos proibidos, inspirados tanto pela rebelião contra a Sociedade quanto por suas próprias paixões.

10 Há, porém, no Evangelho das Bruxas um esforço para distinguir entre os naturalmente maus ou corruptos e os que são marginalizados ou oprimidos, como se vê pela passagem:—

11 “Mas como a filha (descendência) de Caim jamais serás,
Nem como a raça que se tornou por fim
Perversa e infame de tanto sofrer,
Como são os judeus e os zíngaros errantes,
Que são todos ladrões: como eles não sereis.”

12 A ceia das Bruxas, os bolos de farinha, sal e mel em forma de lua crescente, são conhecidos de todo estudioso dos clássicos. Os bolos em forma de lua ou de chifre ainda são comuns. Comi deles hoje mesmo, e embora

sejam conhecidos no mundo inteiro, creio que devem seu formato à tradição.

13 Na conjuração da farinha introduz-se uma tradição muito curiosa, segundo a qual as spige, ou grãos reluzentes de trigo de onde brotam espigas como raios de sol, devem seu brilho a uma semelhança com o vaga-lume, "que vem lhes dar luz". Temos nisso, não duvido, uma tradição clássica, mas não posso verificá-la.

13.2 Em seguida o Vangelo cita uma cantiga infantil comum, que também pode ser encontrada num conto infantil, mas que, como outras, deriva do saber das bruxas, pela qual a lucciola é posta sob um copo e conjurada a dar com sua luz certas respostas.

14 A conjuração da farinha ou do pão, como sendo literalmente nosso corpo, por contribuir para formá-lo, e profundamente sagrada por ter jazido na terra, onde moram segredos sombrios e maravilhosos, parece lançar nova luz sobre o sacramento cristão.

14.2 É um símbolo de ressurreição a partir da terra, e por isso era usada nos Mistérios e na Santa Ceia, e o grão pertencera aos segredos ctônicos, ou ao que estivera sob a terra nas trevas. Assim, até as minhocas são invocadas na bruxaria moderna como familiarizadas com mistérios sombrios, e a flauta do pastor, para ganhar o poder órfico, deve ser enterrada três dias na terra.

14.3 E assim tudo era, e é, na feitiçaria uma espécie de poesia selvagem baseada em símbolos, todos se fundindo uns nos outros, luz e trevas, vagalumes e grão, vida e morte.

15 Muito estranha de fato, mas muito estritamente de acordo com a magia antiga descrita pelas autoridades clássicas, é a ameaça a Diana caso ela não atenda a uma prece. Isso volta continuamente nos exorcismos ou feitiços das bruxas.

15.2 O mago, ou a bruxa, adora o espírito, mas afirma ter o direito, tirado de um poder mais alto, de obrigar até a Rainha da Terra, do Céu e do Inferno a conceder o pedido.

15.3 "Dá-me o que peço, e terás honra e oferendas; recusa, e te afligirei com insultos." Assim Canídia e suas semelhantes se gabavam de poder obrigar os deuses a aparecer. Tudo isso é clássico. Ninguém jamais ouviu falar de uma bruxa satânica invocando ou ameaçando a Trindade, ou Cristo, ou mesmo os anjos ou santos.

15.4 Na verdade, elas não conseguem obrigar nem o diabo ou seus diabretes a obedecer — agem completamente por sua boa vontade, como escravas. Mas no velho saber italiano o feiticeiro ou a bruxa é tudo ou nada, e aspira a uma vontade ou poder ilimitados.

16 Da antiga crença nas virtudes de uma pedra furada não preciso falar. Mas deve-se notar que na invocação a bruxa sai bem cedo de manhã para procurar verbena ou urgebão. Os antigos magos persas, ou antes suas filhas, adoravam o sol nascente agitando verbena recém-colhida, que era uma das sete plantas mais poderosas na magia. Essas sacerdotisas persas ficavam nuas enquanto assim adoravam, sendo a nudez um símbolo de verdade e sinceridade.

17 O apagar das luzes, a nudez e a orgia eram tidos como símbolos do corpo deposto na terra, do grão plantado, ou da entrada nas trevas e na morte para reviver em novas formas, ou da regeneração e da luz. Era o pôr de lado

a vida cotidiana.

18 O Evangelho das Bruxas, tal como o apresentei, é na realidade apenas o capítulo inicial da coleção de cerimônias, "sortilégios", encantações e tradições correntes na fraternidade ou irmandade, cujo conjunto se encontra em grande parte em meus Etruscan Roman Remains e Florentine Legends.

18.2 Tenho, é verdade, um grande número ainda inédito, e há mais por recolher, mas toda a escritura desta feitiçaria, todos os seus princípios, fórmulas, medicamentos e mistérios podem ser encontrados no que recolhi e publiquei.

18.3 Porém, insistiria em que valeria a pena organizar e editar tudo isso numa só obra, pois seria de grande valor para todo estudioso de arqueologia, folclore ou história.

18.4 Foi a fé de milhões no passado; fez-se sentir em inúmeras tradições, que merecem ser mais bem compreendidas do que são, e eu empreenderia de bom grado o trabalho se acreditasse que o público compensaria o gasto e o esforço do editor.

19 Pode-se observar com razão que não tratei este Evangelho, nem mesmo o tema da bruxaria, completamente como folclore, no sentido estrito em que a palavra é definida e aplicada; isto é, como mero fato ou coisa tradicional a ser considerada sobretudo como uma variante parecida ou não com várias outras tradições, ou a ser catalogada e guardada em escaninhos para consulta.

19.2 É perfeitamente verdade que é útil e sensato fazer tudo isso, e isso levou a uma quantidade imensa de valiosa pesquisa, coleta e preservação. Mas há que dizer — e notei que aqui e ali algumas mentes afáveis começam a despertar para isso — que o mero estudo da letra dessa maneira ge-

rou uma grande indiferença pelo espírito, chegando em muitos casos a produzir, como o Realismo na Arte (com o qual tem parentesco), até um desprezo pela matéria ou pelo sentido dela, tal como originalmente se acreditava.

20 Impressionou-me muito há pouco o fato de que, numa obra muito erudita sobre Música, o autor, ao discutir a dos tempos antigos e do Oriente, embora extremamente exato e minucioso na determinação das escalas pentatônicas e de todas as outras, e do que se pode chamar a mera maquinaria e história da composição, mostrava ignorar totalmente o fato fundamental de que notas e acordes, compassos e melodias, eram em si mesmos ideias ou pensamentos.

20.2 Assim, diz-se que Confúcio compôs uma melodia que era uma descrição pessoal de si mesmo. Ora, se isso não for entendido, não podemos entender a alma da música primitiva, e o folclorista que não consegue ir além da letra e se imagina "científico" é exatamente como o músico que não tem ideia de como ou por que as melodias eram compostas antigamente.

21 O estranho e místico capítulo "Como Diana fez as estrelas e a chuva" é o mesmo dado em minhas Legends of Florence, vol. ii. p. 229, mas muito ampliado, ou desenvolvido num esboço cosmogônico-mitológico. E aqui ocorre uma reflexão que é talvez a mais notável de todas as que este Evangelho das Bruxas sugere.

21.2 Em todas as outras Escrituras de todas as raças, é o macho, Jeová, Buda ou Brahma, quem cria o universo; na Feitiçaria das Bruxas é a fêmea o princípio primitivo.

21.3 Sempre que há na história um período de rebelião intelectual radical contra o conservadorismo há muito estabelecido, a hierarquia e coisas semelhantes, há sempre um esforço para considerar a Mulher como o sexo plenamente igual, o que significa o superior.

21.4 Assim, na extraordinária guerra de elementos em conflito, estranhas escolas de feitiçaria, neoplatonismo, Cabala, cristianismo herético, gnosticismo, magismo e dualismo persas, com os restos das velhas teologias grega e egípcia, nos séculos III e IV em Alexandria, e na Casa da Luz do Cairo no século IX, a igualdade da Mulher era uma doutrina proeminente.

21.5 Era Sophia ou Helena, a emancipada, quem era então o verdadeiro Cristo que havia de salvar a humanidade.

22 Quando a Iluminação ou o iluminismo, em companhia da magia e do misticismo, e de uma resolução de regenerar a sociedade segundo o livrepensamento extremo, inspirou aos Templários a esperança de dominar a Igreja e o mundo, a igualdade da Mulher, derivada das tradições do Cairo, recebeu de novo atenção.

22.2 E pode-se observar que durante a Idade Média, e até tão tarde quanto as intensas agitações que inspiraram os huguenotes franceses, os jansenistas e os anabatistas, a Mulher sempre se adiantou com mais destaque ou desempenhou um papel muito maior do que tivera na vida social ou política.

22.3 Foi o caso também do Espiritismo fundado pelas irmãs Fox de Rochester, Nova York, e isso se manifesta de muitos modos no Fin de Siècle, que é também um caos nervoso segundo Nordau — sendo a Mulher, evidentemente, um peixe que se mostra mais quando as águas estão agitadas: —

23 "Ó Mulher, em nossas horas de sossego!"

24 O leitor se lembrará do resto. Mas devemos lembrar também que nas eras mais antigas a vasta maioria da própria humanidade, reprimida pelo poder grande demais ou muito abusado da Igreja e do Estado, só se manifestava em tais períodos de rebelião contra formas ou ideias envelhecidas.

24.2 E a cada nova rebelião, a cada novo surto ou debâcle ou inundação selvagem e rompimento das barreiras, a humanidade e a mulher ganham algo, isto é, o que lhes é devido ou seus direitos.

24.3 Pois, assim como cada cheia espalha mais amplamente suas águas sobre os campos, que com o tempo ficam por isso mais férteis, assim o mundo em geral ganha com cada Revolução, por mais terrível ou repugnante que seja por algum tempo.

25 A mulher Emancipada ou dos Direitos da Mulher, quando entusiasmada demais, geralmente considera o homem limitado, enquanto a Mulher estaria destinada a ganhar terreno sobre ele. Em eras anteriores prevalecia a opinião contrária, e ambas estão, ou estavam, aparentemente erradas, no que toca ao futuro.

25.2 Pois na verdade ambos os sexos são progressivos, e o progresso nesse aspecto não significa um conflito entre o princípio masculino e o feminino, como o que formou a base do Mahabharata, mas uma determinação gradual da verdadeira capacidade e um ajuste das relações ou coordenação das forças — e, fazendo-se isso em base científica, todo conflito cessa.

26 Estas observações são apropriadas ao meu texto e assunto, porque é estudando as épocas em que a mulher se tornou proeminente e influente que aprendemos quais são verdadeiramente as capacidades do sexo feminino.

Entre elas, a da Bruxaria tal como realmente foi — e não como é em geral mal compreendida — é tão profundamente interessante como qualquer outra.

26.2 Pois a Bruxa — deixando de lado toda questão sobre a magia ou sua inexistência — foi outrora um fator real ou grande força na vida social rebelde, e até hoje — como a maioria dos romances testemunha — reconhece-se que há algo de estranho, misterioso e incompreensível na mulher, que nem ela mesma nem o homem conseguem explicar.

27 "Pois toda mulher é, no fundo, uma bruxa."

28 Banimos a vassoura e o gato e os milagres, o Sabá e os pactos com Satanás, mas o mistério ou enigma é tão grande como sempre; ninguém vivo sabe aonde está destinado a levar. Não são os encantos do amor de toda espécie, e o gozo da beleza em todas as suas formas na natureza, mistérios, milagres ou magia?

29 Para todos os que se interessam por este tema da influência e capacidade da mulher, este Evangelho das Bruxas terá valor por mostrar que houve pensadores estranhos que consideraram a criação como um desenvolvimento feminino ou partenogênese, da qual nasceu o princípio masculino. Lúcifer, ou a Luz, jazia oculto na escuridão de Diana, como o calor está oculto no gelo.

29.2 Mas o regenerador ou Messias desta estranha doutrina é uma mulher — Aradia, embora as duas, mãe e filha, se confundam ou se reflitam nos diferentes contos, assim como Javé se confunde com os Elohim.

30 "Resta dizer" que as assembleias adão-mináveis e eva-ilosas, ou adamitas, prescritas no Evangelho da Feitiçaria, não são muito, ou nada, mantidas pelas hoje poucas e raras bruxas velhas ou jovens e veneráveis feiticeiros dos dias atuais. Quer dizer, não que eu saiba, na Itália Central ou do Norte.

30.2 Mas entre os roués, viveurs e mulheres levianas de Florença e Milão — onde não são tão raros quanto eclipses — tais assembleias se chamam balli angelici, ou bailes dos anjos. Na verdade, estão longe de ser desconhecidas em qualquer das grandes cidades do mundo.

30.3 Há alguns anos um jornal dominical de uma cidade americana publicou um relato detalhado delas nas "casas de dança" da cidade, declarando que ocorriam com muita frequência, o que me foi confirmado depois por homens familiarizados com elas.

31 Um ponto muito importante para todos os que consideram importantes os achados ou descobertas da tradição antiga é que um estudo profundo e extenso das tradições das bruxas italianas que recolhi, a comparação delas umas com as outras, e do conjunto com o que se lhe assemelha nos escritos de Ovídio e de outros mitógrafos, impõe a convicção (que expressei muitas vezes, mas não com frequência demais) de que há nesses registros posteriores muitos restos muito valiosos e curiosos do antigo saber latino ou etrusco, com toda probabilidade poemas, contos e invocações inteiros que passaram da língua antiga. Se isso for verdade, e quando acontecer de os estudiosos lerem com interesse o que aqui se apresenta, então com toda certeza haverá exame crítico e verificação do que nele há de antigo, e se descobrirá que maravilhas da tradição ainda perduram.

32 Que as bruxas ainda hoje formam uma sociedade secreta ou seita fragmentária, que a chamam de Velha Religião, e que há na Romanha aldeias inteiras em que o povo é inteiramente pagão e quase inteiramente governado por Settimani, ou "filhos de sete meses", pode-se ler no romance com esse nome, bem como em vários artigos publicados em diversas revistas, ou aceitar com base em meu próprio conhecimento pessoal.

32.2 A existência de uma religião supõe uma Escritura, e neste caso pode-se admitir, quase sem verificação rigorosa, que o Evangelho das Bruxas é realmente uma obra muito antiga.

32.3 Assim, é muitas vezes evidente que, quando uma tradição foi registrada a partir da transmissão oral, a velha repete palavras ou frases, por capítulos inteiros, que não entende plenamente, mas que ouviu e aprendeu. Estas devem ser verificadas por correlação ou comparação com outros contos e textos.

32.4 Ora, considerando tudo isso com o máximo cuidado e senso crítico, ou com rigor mas imparcialidade, ninguém pode resistir à convicção de que neste Evangelho das Bruxas temos um livro que é com toda probabilidade a tradução de alguma obra latina antiga ou posterior, pois parece muitíssimo provável que toda fé estabelecida encontre seu registro.

32.5 Há literatos entre os párias da Índia; houve provavelmente muitos entre os lacaios da lua, ou adoradores noturnos de Diana. De fato, não perco a esperança de que a pesquisa ainda revele, nos escritos de algum herege ou místico há muito esquecido da Idade das Trevas, o paralelo de muitas passagens deste texto, se não de todo ele.

33 Mais alguns anos, leitor, e tudo isso terá desaparecido do meio dos italianos diante do jornal e da ferrovia, assim como uma nuvem leve é levada por um vendaval, ou passará como flocos de neve num lago.

33.2 As velhas tradições estão, de fato, desaparecendo com rapidez tão incrível que me asseguram, da melhor fonte — e posso de fato ver por mim mesmo —, que o que recolhi ou mandei registrar há dez anos na Romanha Toscana, com ajuda excepcionalmente hábil, não poderia agora ser recolhido por ninguém, pois já não existe, salvo na memória de alguns velhos feiticeiros que desaparecem dia após dia, sem deixar rastro.

33.3 Vai indo — vai indo — está quase ido; na verdade, penso muitas vezes que, velho como sou (e estou doze anos além do limite da extrema velhice definido pelo duque de Marlborough em sua defesa), ainda viverei para ouvir o martelo do leiloeiro Tempo quando arrematar o último verdadeiro feiticeiro latino para a Morte! Pode ser que ele esteja entregando as fichas enquanto escrevo.

33.4 As mulheres ou bruxas, tendo mais vitalidade, durarão um pouco mais — refiro-me às do tipo tradicional; pois quanto ao desenvolvimento natural e inato da bruxaria e ao puro cos-tume, sempre teremos feiticeiras entre nós, assim como teremos os pobres — até subirmos todos juntos.

34 O que é muito notável, a ponto de ser difícil de entender, é o fato de tanta tradição antiga ter sobrevivido com tão pouca mudança entre os camponeses. Mas lendas e feitiços em famílias de bruxas hereditárias têm muito mais probabilidade de viver do que as modas na arte, e no entanto até estas se mantiveram desde 2000 anos. Assim, como escreve E.

34.2 Neville Rolfe: "O falecido Signor Castellani, que foi o primeiro a reproduzir com fidelidade as joias encontradas nos túmulos da Etrúria e da Grécia, convenceu-se de que alguma sobrevivência desse antigo e requintado ofício ainda devia existir em algum lugar da Itália. Fez, por conseguinte, uma busca diligente... e numa aldeia afastada descobriu ourives que faziam ornamentos para os camponeses, os quais em seu caráter indicavam uma forte sobrevivência da antiga arte etrusca."

35 E aqui observaria que, onde escrevi talvez com um pouco de amargura demais sobre a indiferença dos estudiosos pelas curiosas tradições preservadas por feiticeiros e bruxas, refiro-me a Roma e especialmente ao Norte da Itália. G. Pitré fez tudo o que era possível a um só homem no que toca ao Sul.

35.2 Depois que os capítulos precedentes foram escritos, recebi Naples in the Nineties, de E. Neville Rolfe, B.A., em que um interesse profundo e inteligente pelo tema é bem sustentado por amplo conhecimento. O que será particularmente interessante para o leitor do meu livro é a quantidade de informações que o Sr.

35.3 Rolfe dá sobre a ligação de Diana com a bruxaria, e quantos de seus atributos se tornaram os da Madona. "O culto de Diana", como diz ele, "prevalecia muito amplamente... tanto que, quando o cristianismo substituiu o paganismo, grande parte do simbolismo pagão foi adaptada aos novos ritos, e a transição do culto de Diana para o da Madona tornou-se comparativamente simples."

35.4 O Sr. Rolfe fala da chave, da arruda e da verbena como símbolos de Diana; de todas elas tenho encantações, aparentemente muito antigas, e identificadas com Diana. Encontrei muitas vezes arruda em casas de Flo-

rença, e ma deram como favor especial. Está sempre escondida em algum canto escuro, porque levar um pouco dela é levar a sorte.

35.5 A rã de bronze era um emblema de Diana; daí o provérbio latino: "Quem ama uma rã a tem por Diana." Era feita até tempos recentes como amuleto. Tenho uma diante de mim agora, como peso de papel. Há também uma encantação à rã.

36 Aquilo em que o Sr. Rolfe, tácita e inconscientemente, confirma o que escrevi, e o que há de mais notável nesta minha obra, é que os feiticeiros na Itália formam uma classe distinta, que ainda exerce grande poder em Nápoles e na Sicília, e possui até documentos mágicos muito curiosos e quadros cabalísticos, um dos quais (familiar a quem o viu nos livros dos feiticeiros takruri e árabes do Cairo) ele reproduz.

36.2 Estes provavelmente derivam de Malta. Por isso não parecerá espantoso ao leitor que este Evangelho das Bruxas tenha sido preservado, tal como o apresentei. Que não o tive nem o vi num MS. antigo é certamente verdade; mas que foi escrito outrora, e ainda é repetido aqui e ali oralmente, em partes separadas, disso estou certo.

37 Seria para mim uma grande satisfação se alguém, entre aqueles em cujas mãos este livro venha a cair, que possua informações confirmando o que aqui se expõe, tivesse a bondade de comunicá-las ou publicá-las de alguma forma, para que não se percam.

38 Os filhos de Diana, ou Como nasceram as fadas

39 Todas as coisas foram feitas por Diana: os grandes espíritos das estrelas, os homens em seu tempo e lugar, os gigantes que existiram outrora e os anões que habitam nas rochas e uma vez por mês a adoram com bolos.

40 Havia uma vez um rapaz que era pobre, sem pais, e no entanto era bom.

41 Certa noite ele estava sentado num lugar solitário, mas muito belo, e ali viu mil fadinhas, de um branco reluzente, dançando à luz da lua cheia.

42 "De bom grado eu seria como vós, ó fadas!", disse o jovem, "livre de cuidados, sem precisar de alimento. Mas o que sois vós?"

43 "Somos raios de lua, os filhos de Diana", respondeu uma:—

44 "Somos filhos da Lua,
Nascemos da luz brilhante;
Quando a Lua lança um raio,
Ele toma a forma de uma fada.

45 "E tu és um dos nossos, porque nasceste quando a Lua, nossa mãe Diana, estava cheia; sim, nosso irmão, nosso parente, pertencente ao nosso bando.

46 "E se estiveres com fome e pobre... e quiseres ter dinheiro no bolso, pensa então na Lua, em Diana, para quem nasceste; e repete estas palavras: —

47 "'Lua, Lua, bela Lua!
Mais formosa que qualquer estrela;
Lua, ó Lua, se puder ser,
Traze-me boa fortuna!'

48 "E então, se tiveres dinheiro no bolso, vais tê-lo dobrado.

49 "Pois as crianças que nascem na lua cheia são filhos ou filhas da Lua, especialmente quando nascem num domingo em que há maré alta.

50 “‘Lua cheia, maré alta,
Serás um grande homem!’”

51 Então o rapaz, que tinha só um paolo na bolsa, tocou nela, dizendo:—

52 “Lua, Lua, bela Lua,
Sê sempre minha Lua querida!”

53 E assim o rapaz, querendo ganhar dinheiro, comprou e vendeu e ganhou dinheiro, que dobrava todos os meses.

54 Mas aconteceu que, depois de algum tempo, durante um mês não conseguiu vender nada, e assim nada ganhou. Então, de noite, disse à Lua—

55 “Lua, ó Lua, a quem de longe
Amo mais que a outra estrela,
Dize-me por que foi ordenado
Que este mês nada ganhei?”

56 Então lhe apareceu um pequeno elfo reluzente, que disse:—

57 “O dinheiro não virá a ti,
Nem ajuda ou auxílio verás,
A menos que trabalhes com afinco.”

58 Depois acrescentou:—

59 “Dinheiro nunca dou, é claro,
Só ajuda a ti, meu caro!”

60 Então o jovem entendeu que a Lua, como Deus e a Fortuna, faz mais por aqueles que mais fazem por si mesmos.

61 "Como o apetite vem comendo e desejando,
O lucro vem trabalhando e poupando."

62 Nascer na lua cheia significa ter a mente iluminada, e a maré alta significa um intelecto elevado e cheio de pensamento. Não basta ter um belo barco da Fortuna.

63 "Tens também de remar com coragem,
Se queres que o barco faça viagem."

64 "Faz o teu melhor, ou fala, mas, ademais,
Para remar o barco precisarás de um remo."

65 E, como se diz—

66 "A Fortuna dá e a Fortuna tira,
E ao homem faz uma fortuna,
Às vezes aos que fogem do labor,
Mas mais vezes aos que trabalham."

67 Diana, Rainha das Serpentes, Doadora do Dom das Línguas

68 Numa longa e estranha lenda de Melambo, mago e grande médico de nascimento divino, há uma invocação a Diana que tem lugar próprio nesta obra. O episódio em que ocorre é o seguinte:—

69 Um dia Melambo perguntou à mãe como era que, tendo-lhe sido prometido que conheceria a língua de todos os seres vivos, isso ainda não acontecera.

70 E sua mãe respondeu:—

71 "Paciência, meu filho, pois é esperando e vigiando a nós mesmos que aprendemos a ser ensinados. E tens dentro de ti os mestres que mais podem transmitir, se procurares ouvi-los; sim, os professores que podem te ensinar mais em poucos minutos do que outros aprendem numa vida."

72 Aconteceu que certa tarde Melambo, pensando nisso enquanto brincava com um ninho de serpentes filhotes que seu criado encontrara num carvalho oco, disse:—

73 "Quem dera eu pudesse falar convosco;
Bem sei que tendes uma linguagem,
Tão graciosa quanto vosso movimento,
Tão brilhante quanto vossa cor."

74 Então adormeceu, e as serpentezinhas se enroscaram em seus cabelos e começaram a lamber-lhe os lábios e os olhos, enquanto a mãe delas cantava:—

75 A invocação da Mãe das Serpentes a Diana.

76 "Diana! Diana! Diana!
Rainha de todas as feiticeiras
E da noite escura,
E de toda a natureza,
Das estrelas e da lua,
E de todo destino ou fortuna!
Tu que governas a maré,
Que brilhas à noite sobre o mar,
Lançando luz sobre as águas;
Tu que és senhora do oceano

Em teu barco feito em crescente,
Barca de lua crescente reluzindo,
Sempre sorrindo alto no céu,
Navegando também na terra, refletida
No oceano, sobre suas águas;
Nós te imploramos, dá a este que dorme,
Dá a este bom Melambo
O grande dom de entender
O que dizem todas as criaturas ao falar!"

77 Esta lenda contém muita coisa muito curiosa; entre outras, uma invocação ao vaga-lume, uma a Mefítis, a deusa da malária, e uma longa profecia poética relativa ao herói. Está evidentemente cheia de antigo saber mitológico latino de caráter muito marcado. Ela pode ser encontrada inteira numa obra a ser publicada em breve pelo autor deste livro, intitulada "The Unpublished Legends of Virgil". Londres, Elliot Stock.

78 Diana como doadora de beleza e restauradora das forças

79 Diana tem poder para fazer todas as coisas: dar glória aos humildes, riqueza aos pobres, alegria aos aflitos, beleza aos feios. Não te entristeças, se és seu seguidor; ainda que estejas na prisão e nas trevas, ela trará a luz: muitos há que ela afunda para que se ergam mais alto.

80 Havia outrora em Monteroni um rapaz tão feio que, quando um forasteiro passava pela cidade, mostravam-lhe esse Gianni, pois assim se chamava, como uma das atrações do lugar. Porém, horrendo como era, por ser rico, embora sem família ilustre, tinha confiança em si e esperava ousadamente conquistar e desposar alguma bela jovem de posição.

81 Ora, veio morar em Monteroni uma biondina maravilhosamente bela, ou jovem loura de cultura e boa condição, a quem Gianni, com sua habitual impudência, cortejou ousadamente, recebendo, como também era habitual, um redondo Não como resposta.

82 Mas desta vez, estando mais fascinado do que de costume, e de verdade, pois havia influências agindo que ele desconhecia, ficou como possesso ou louco de paixão, de modo que rondava a casa da dama noite e dia, buscando de fato uma oportunidade de irromper e agarrá-la, ou de, por algum truque desesperado, dominá-la e levá-la embora.

83 Mas aqui seus planos foram frustrados, porque a dama tinha sempre consigo um grande gato que parecia ter inteligência mais que humana, e sempre que Gianni se aproximava dela ou de sua casa, ele o avistava e dava o alarme com um barulho terrível. E havia de fato algo tão sobrenatural em seu aspecto, e algo tão terrível em seus grandes olhos verdes que brilhavam como tochas, que o homem mais ousado poderia ficar apavorado com eles.

84 Mas certa tarde Gianni refletiu que era tolice ter medo de um simples gato, que só poderia assustar um menino, e assim se aventurou ousadamente a um ataque. Saindo, pois, pegou uma escada, que levou e encostou à janela da dama. Mas, enquanto estava ao pé dela, encontrou a seu lado uma velha, que começou a lhe implorar com fervor que não persistisse em sua intenção.

84.2 "Pois bem sabes, Gianni", disse ela, "que a dama não te quer; és um terror para ela. Vai para casa e olha-te no espelho, e te parecerá que estás vendo o pecado mortal em forma humana."

85 Então Gianni, numa fúria rugidora, gritou: “Farei o que quero e como quero, velha mulher do diabo, ainda que tenha de matar a ti e à moça também!” Dizendo isso, subiu correndo a escada; mas antes de ter aberto ou de poder entrar pela janela, estando no alto, viu-se como que transformado em madeira ou pedra, incapaz de se mover.

86 Então ficou tomado de vergonha e disse: “Daqui a pouco a cidade inteira estará aqui para testemunhar minha derrota. Porém, farei um último apelo.” E gritou:—

87 “Oh, vecchia! tu que me querias mais bem do que eu sabia, perdoa-me, peço-te, e salva-me deste apuro! E se, como bem suponho, és uma bruxa, e se eu, tornando-me feiticeiro, puder ser libertado de minhas provações e aflições, então te rogo que me ensines como isso pode ser feito, para que eu conquiste a jovem dama, pois agora vejo que ela é da tua espécie, e que devo ser dela para ser digno dela.”

88 Então Gianni viu a velha subir do chão num relance, como um clarão de lanterna, e, tocando-o, levou-o para longe da escada, e eis que a luz era um gato, que pouco antes fora a bruxa, e ela disse:—

89 “Logo partirás numa longa viagem, e em teu caminho encontrarás um cavalo miserável e esgotado, e então deverás dizer:—

90 “‘Fada Diana! Fada Diana! Fada Diana!
Conjuro-te a fazer algum pequeno bem
A este pobre animal.’
Então encontrarás
Um grande bode,
Um verdadeiro bode,

E dirás:
‘Boa noite, belo bode!
E ele responderá:
‘Boa noite, belo senhor!
Estou tão cansado
Que não posso ir mais longe.’
E tu responderás como de costume:
‘Fada Diana, conjuro-te
A dar a este bode alívio e paz!’

91 “Então entraremos num grande salão onde verás muitas belas damas que tentarão te fascinar; mas que tua resposta seja sempre: ‘Aquela que amo é a de Monteroni.’

92 “E agora, Gianni, a cavalo; monta e vamos!” Então ele montou no gato, que voou rápido como o pensamento, e encontrou a égua, e, tendo pronunciado sobre ela a encantação, ela se tornou uma mulher e disse:—

93 “Em nome da Fada Diana!
Que te tornes por isto
Um belo rapaz,
Vermelho e branco de tez,
Como leite e sangue!”

94 Depois disso encontrou o bode e o conjurou do mesmo modo, e ele respondeu:—

95 “Em nome da Fada Diana!
Sê vestido mais ricamente que um príncipe!”

96 Assim passou ao salão, onde foi cortejado por belas damas, mas a resposta a todas foi que seu amor estava em Monterone.

97 Então não viu nem soube de mais nada, mas, ao despertar, encontrou-se em Monterone, e tão mudado num belo rapaz que ninguém o reconhecia. Assim desposou sua bela dama, e todos viveram desde aquele dia a vida oculta das bruxas e dos feiticeiros, e estão agora no País das Fadas.

98 Nota

99 Como curiosa ilustração do fato de que a fé em Diana e nas outras divindades da mitologia romana, ligada à adivinhação, ainda sobrevive entre os italianos "do povo", posso mencionar que, depois que esta obra foi para o prelo, comprei por dois soldi, ou um pêni, um pequeno livreto popular em que se mostra como, por um processo de conjuração ou evocação e números, não só Diana, mas trinta e nove outras divindades podem ser levadas a dar respostas a certas perguntas.

99.2 A obra provavelmente foi tirada de algum manuscrito antigo, pois se declara que foi descoberta e traduzida por P. P. Francesco di Villanova Monteleone. Divide-se em duas partes, uma intitulada Circe e a outra Medeia.

100 Como tais obras precisam ter ilustrações, Circe é representada por uma gravura de página de uma velha muito feia no traje mais moderno, de xale e touca com fitas. Ela segura um castiçal comum. É bem o ideal de uma cartomante vulgar, e é provável que as palavras Maga Circe não sugerissem nem mais nem menos que tal pessoa a quem "montou" o livro.

100.2 A de Medeia, contudo, é bem correta, até artística, representando a feiticeira conjurando o banho mágico, e provavelmente foi tirada de alguma obra de mitologia. É sempre assim na Itália, onde as concepções mais grotescas e modernas de temas clássicos se misturam com muito do que é exato e belo — de que, aliás, esta obra fornece muitos exemplos.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0